ILUSTRAÇÃO

EDUARDO VIII, rei da Grã-Bretanha, da Irlanda, dos Domínios Britânicos de Além-Mar, Defensor da Fé e Imperador da India

1-FEVEREIRO-1936 N.º 243 — 11.º ano PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A insónia
Rouba o encanto e a beleza

A OVOMALTINE

assegura-lhe *um sôno natural*

O maior inimigo da beleza é a insonia. O seu espelho cêdo reflete o resultado do cansaço de noites perturbadas; os olhos perdem o brilho, o rosto enche-se de rugas e perde a frescura da saúde.

Lembre-se de que um sôno saudável é essencial para manter o seu perfeito equilibrio físico, do qual depende o seu bom parecer, o seu encanto e vivacidade. E o meio mais seguro para produzir um sôno natural e reparador é tomar a deliciosa Ovomaltine todas as noites.

Longas experiências tem provado, e uma enorme quantidade de testemunhos expontâneos confirmam, que a Ovomaltine é a melhor bebida alimentar para assegurar um sôno tranquilo. Fornece em abundância os elementos restauradores para acalmar os nervos e o cérebro e rápidamente produz um sôno profundo e restaurador, do qual se acorda no dia seguinte cheio de energia e vitalidade, sentindo-se mais bem disposta e de melhor parecer.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua. Tem-se tentado, muitas vezes, imitá-la, mas há sempre diferenças importantissimas:

A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o prêço em prejuiso da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate nem uma grande percentagem de cacau.

Cientificamente preparada dos melhores alimentos que a naturesa nos oferece: leite, malte e ovos, a Ovomaltine contém todos os elementos necessários para o desenvolvimento do corpo, do cérebro e dos nervos.

Por tôdas estas razões a Ovomaltine marca, por si só, um lugar — é a melhor bebida alimentar e a mais largamente consumida em todo o mundo.

Qualidade acima de tudo! Exija

A venda em tôdas as farmácias, drogarias e mercearias em embalagens de 1/1 lata, 1/2 lata e 1/4 de lata

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Unicos concessionarios para Portugal:

ALVES & C.ª (Irmãos) - RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º - LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
•
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535
N.º 243 — 11.º ANO
1 — FEVEREIRO — 1936

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

Os acontecimentos dos últimos quinze dias fôram dominados pela notícia da morte do rei Jorge V, ocorrida no seu castelo do Sandringham.

O Império britânico veste luto pesado. E êste luto não é simples manifestação convencional, mas exteriorização dum sentimento profundo e sincero.

Nenhum povo sabe amar os seus soberanos como o povo inglês. Ama-os com carinho, sem o fanatismo dos alemães pelo seu Kaiser ou pelo seu «Fuhrer», nem a malevolência dos latinos para todos que ocupam posições eminentes.

Nêste país estruturalmente constitucional — e que não possúe uma Constituição na rigorosa acepção do termo — o rei tem um papel cheio de nobreza e elevação. É o simbolo vivo do Império, o traço de união entre os povos que o compõem, o remate da cúpula dêsse gigantêsco edificio que é a Comunidade britânica.

Jorge V tem o mérito de ter sabido interpretar êsse papel com a maior dignidade. As suas mensagens aos cidadãos do Império — peças de oratória notáveis — estão impregnadas do espírito paternal e afectivo que convinha ao chefe duma grande nação de homens livres.

Diz-se que a sua grande ambição após o armistício era ser designado por «o rei da paz». Sem abandonar a reserva constitucional, não cessava de insistir com os seus ministros para que evitassem a guerra a todo o custo.

Agora que a morte o levou, o mundo parece mais cheio de ansiedade do que nunca.

■

Eduardo VIII sobe ao trôno num momento particularmente inquieto. Êste facto realça o valor do seu sacrifício, aceitando o ofício de reinar para o qual, no dizer de muitos, não se sentia atraído.

Diz que foi Leopoldo III quem, durante uma das suas recentes viagens a Inglaterra, dissipou as últimas hesitações do novo rei, fazendo-lhe ver o caminho iniludível do dever — a consagração ao serviço do povo.

■

Muito antes do Rudyard Kipling morrer e quando o seu estado ainda não se considerava grave, a Academia Brasileira votou uma moção de pesar pelo falecimento do grande poeta.

A notícia, que respigamos dum jornal francês, não teria importancia de maior se não se desse a coincidencia de a morte de Kipling ter sido anteriormente anunciada várias vezes no Rio de Janeiro e S. Paulo. De tôdas elas foi o próprio escritor que se encarregou do desmentido, escrevendo:

«Julgo ter razões pessoais bastante sérias para dizer que a notícia é prematura».

Não é de admirar depois disto que os brasileiros tenham recebido com certa desconfiança a notícia verdadeira.

■

Um dos sintomas mais animadores dêste começo de ano é a inauguração de carreiras aéreas que passam a ligar Lisboa a Madrid e Londres, e por intermédio destas capitais a tôda a rede de carreiras da aviação da Europa.

Portugal dá assim um passo importante na direcção do continente a que pertence, encurtando a distância que dêle o separa.

Não nos parece ser êste um facto de somenos importância. As suas conseqüências serão decerto consideráveis na revivificação do nosso ambiente e da nossa cultura.

Vai sendo tempo de pormos termo ao que podemos chamar, com triste ironia, o nosso «esplendido isolamento».

■

Vários jornais se têm referido ultimamente aos apedrejamentos de comboios. A «Gazeta dos Caminhos de Ferro» publicou mesmo a êste respeito uma impressionante estatística que põe em evidência a extensão do mal.

Estamos em presença dum grave problema contra o qual a acção repressiva das autoridades é insuficiente. Não basta punir os que o fazem: é preciso aumentar o nível de compreensão do povo para que êste triste indício do nosso atraso desapareça de vez.

Tudo se resume num problema de instrução. O número dêstes atentados há-de variar na razão directa da taxa do analfabetismo. E só atacando o mal nas suas causas se chegará a extinguí-lo.

■

O que se passa actualmente no Extremo Oriente não é por certo menos grave do que os acontecimentos da Europa. Só a perspectiva lhe reduz as proporções, fazendo-nos concentrar as atenções quási exclusivamente no que se passa ao pé da nossa porta.

O Japão continúa a digerir a China. O seu processo de deglutição encontra-se agora numa fase activa, caracterizada pela autonomia das províncias do Norte e pela situação incerta da Mongólia Interior, que não se sabe ao certo se proclamou a independência ou não.

Atribue-se ao Japão o propósito de proclamar Pu-Yi, actual chefe do Estado da Mandchuria, imperador de tôda a China. Seria êsse o passo decisivo para a hegemonia nipónica na Asia.

A política interna do Império do Sol Nascente apresenta-se confusa. Vai proceder-se às eleições parlamentares e realizar-se-ão novas eleições. Mas isto que seria duma importância fundamental num país europeu não tem no Japão a menor influência na marcha da política de expansão imperialista que procede independentemente.

Que sairá de tudo isto? Há quem pense que o povo chinês — cuja espantosa vitalidade é um surpreendente mistério étnico — acabará por absorver os seus conquistadores de hoje. Mas daqui até lá terá assimilado a sua civilização e constituirá um perigo não menor para os povos da raça branca.

■

O trágico destino do carpinteiro alemão Hauptmann, que tem estado a dois passos da cadeira eléctrica, sob a acusação de ter raptado e morto o filho de Lindbergh, continúa a preocupar muitas consciências.

No meio da perturbação geral só o condenado se mostra sereno, confiante em que os factos se hão-de pronunciar finalmente a seu favor.

Estará inocente? Se o não está que assombrosa coragem a dêste homem que arrosta a suprema expiação mentindo sem um desfalecimento.

Mas se fala verdade... Se de facto não interveio no crime de que o acusam... A hipótese é terrível e dela só há que tirar uma reprovação formal da pena de morte, que torna irreparáveis os êrros judiciários.

■

A Alemanha continúa a desenvolver o seu plano de ataque sistemático contra o Tratado de Versalhes cujos objectivos é agora a re-militarização da Renânia.

A França sente despertar os seus alarmes e, segundo se anuncia, protestou já oficialmente contra esta nova violação do Tratado. Mas é de supor que não será mais bem sucedida desta vez, do que o foi das anteriores.

O problema mais angustioso da Europa, no momento actual, consiste em saber até que ponto a França estará disposta a contentar-se com meros artifícios diplomáticos.

■

Caíu o govêrno Laval, o que não causou surpresas. De facto, a crise provocada pelos radicais-socialistas era esperada há já longo tempo.

O Presidente Lebrun conciliou as suas tendências com as obrigações que a Constituição lhe impõe, confiando a constituição do novo ministério a Albert Sarraut.

Verifica se, porém, que o poderoso partido radical-socialista está pouco disposto a tomar as responsabilidades do Poder em tôda a sua extensão. E, assim, a pasta dos Estrangeiros foi entregue a Flandin, por entre gerais aplausos.

M. R.

HIPÓTESE TERRIVEL

Uma guerra no Mediterrâneo?

Uma esquadrilha de aviões de caça britânicos em vôo de formação

Os grandes couraçados ingleses: à direita o «Hood», em cima, o «Rodney»

Tem-se falado ultimamente com insistência na possibilidade duma guerra europeia. A tensão anglo-italiana, provocada pelo conflito etíope, criou um ambiente de nervosismo propício à eclosão de incidentes e mal-entendidos. Uma formidável preparação militar e naval está sendo levada a efeito, na previsão de tôdas as hipóteses. E tudo isto é de molde a justificar os receios e os excessos da imaginação manifestados nos últimos tempos. O ponto nevrálgico é, neste caso, como não podia deixar de ser, o Mediterrâneo, êsse belo mar que se estende entre a Europa e a África e que a natureza dotou de condições estratégicas excepcionais. É aí que os interesses italianos e ingleses colidem e nessa direcção tem, portanto, de se exercer a pressão que tenta romper a gigantesca armadura que o Império britânico há longo tempo ergueu em volta daquele mar interior.

Digamos desde já que não pertencemos ao número dos que não julgam possível — provável mesmo — essa hipotética guerra. Os factos podem desmentir o nosso optimismo que não deixa por isso de se fundamentar no bom senso — não apenas naquele que nos atribuimos, mas também no que coube em partilha à grande nação latina, já que não há que falar no provado são juizo dos nossos amigos ingleses.

Na realidade, os mecanismos da guerra são imprevisíveis. Em rigor, a sorte das armas é sempre uma incógnita. O progresso dos meios da guerra faz entrar em jogo factores ignorados, que por vezes se compensam e cuja eficácia contraria com freqüência os cálculos. Mas tanto quanto é possível formar-se nêste caso um juizo, pode dizer-se que a Itália se exporia a um malogro certo e de terríveis conseqüências.

O poderio naval da Grã-Bretanha no Mediterrâneo está, de facto, assente em bases de tal modo sólidas, que tôda a dúvida a êste respeito se torna inadmissível.

Há a aviação, diz-se. É sem dúvida um elemento preponderante no jogo, mas incapaz só por si de garantir a vitória. Malta, a dois passos da península, seria uma presa fácil. Algumas esquadrilhas de bombardeamento italianas chegariam lá em meia hora de vôo e não teriam dificuldade em a cobrir de destroços. E depois? O Almirantado inglês previu êsse caso. Afirma-se que foi mesmo considerada a hipótese de abandonar essa base naval que as condições da guerra moderna fizeram perder todo o valor estratégico. O resultado seria, portanto, medíocre — sem finalidade prática, pelo menos.

Uma agressão de surpresa contra Alexandria não teria melhor êxito. Há que contar aqui com uma distância muito mais considerável, o que reduz consideravelmente a eficácia do ataque. Além disso, Alexandria está em condições de resistir longamente. Uma série violenta de bombardeamentos poderia causar-lhe terríveis prejuizos sem, contudo, aniquilar a sua capacidade de resistência. Tenha-se ainda em conta que, se a aviação progrediu, o mesmo sucedeu de certo modo com a defesa anti-aérea. Alexandria está, sob êste ponto de vista, admiravelmente preparada e as esquadrilhas de caça britânicas estacionam perto. A agressão não ficaria, portanto, impune e o resultado poderia ser mesmo para os italianos objecto de desagradáveis surpresas.

Não há que considerar a hipótese dum bombardeamento de Gibraltar. Um ataque aéreo a essa fortaleza britânica, tanto pela distância a que se encontra como pelas condições da sua defesa, seria um mero acto platónico. Os aviões italianos teriam de vencer um longo percurso antes de atingir aquele objectivo, o que reduz, na razão directa, as suas capacidades ofensivas. Note-se que a Itália não possue nenhum porta-aviões e que a Inglaterra tem quatro, o «Eagle», o «Courageous», o «Furious» e o «Glorious» que deslocam 22.000 toneladas cada um e marcham à velocidade de 30 nós por hora.

Restaria à Itália interceptar as comunicações entre o Mediterrâneo oriental e o ocidental. Ser-lhe-ia fácil consegui-lo, uma vez esmagada a resistência de Malta. Os seus submarinos e aviões estabeleceriam uma linha dificilmente transponível entre a península e o norte de África. Mas êste corte de comunicações só duraria o tempo que durasse a resistência da Itália. Esgotadas as suas reservas de combustíveis e carburantes, o seu reabastecimento tornar-se-ia impossível. Abstraindo mesmo da fidelidade das outras nações mediterrâneas aos princípios do Pacto, a Itália veria cortadas tôdas as suas vias de comunicação marítimas, que em caso algum poderiam ser substituidas pelas comunicações terrestres. Os seus navios petroleiros, mesmo admitindo que obtivessem a aquiescência da Roménia para se fornecer naquele país, não poderiam atravessar incólumes as ilhas do arquipélago grego, onde os contra-torpedeiros e submarinos ingleses não deixariam de exercer activa vigilância.

Sobre as ondas revoltas, o avião de bombardeamento avança, para o seu objectivo

Resta um aspecto do problema de palpitante interêsse: a situação das grandes unidades da marinha de guerra perante a aviação de bombardeamento. Nos couraçados modernos, a defeza anti-aérea tem sido especialmente cuidada.

Há ainda um último aspecto da questão. Vimos já que, segundo tudo leva a crer, a Itália seria impotente para romper o sistema defensivo britânico no Canal do Suez. A abertura das hostilidades no Mediterrânio significaria, pois, para a Itália a interrupção das comunicações com a África Oriental. Qual seria o destino dos 200.000 homens que invadem a Etiópia, no dia em que ficassem privados do abastecimento de munições e carburantes? Perdido o contacto com a mãe-pátria, estariam sujeitos à mais trágicas das hecatombes que a História regista.

Nêste conjunto de factos se baseia a nossa convicção do que a guerra no Mediterrâneo não chegará felizmente a tornar-se realidade. A sabedoria milenária da raça latina permitirá ao povo italiano reconhecer a tempo o abismo para onde pretendem conduzi-lo, e evitá-lo. A rotura de hostilidades no Mediterrânio seria a suicidio irremissível da Itália. Ora os indivíduos e os regimes podem cometer o suicidio, mas os povos de gloriosas tradições como o italiano, possuem reservas milenárias do bom senso, que se revelam, por vezes, da fórma mais inesperada.

O "POETA DO IMPÉRIO,,

A morte de Rudyard Kipling

Faleceu em 17 do mês findo um dos escritores do que a Inglaterra mais se orgulha — Rudyard Kipling.

Contista admirável e poeta cheio de veemência, ocupava no mundo das letras britânicas um lugar do primeiro plano. Ainda no dia 31 de Dezembro último celebrara os seus 70 anos, o que servira de pretexto a uma verdadeira consagração por parte dos seus inúmeros admiradores em todo o mundo.

Nascera em Bombaim. Aí fez os estudos elementares, após o que partiu para Inglaterra afim de completar a sua educação. O seu temperamento inquieto não se adaptava, porém, ao viver monótono da metropole. Precisava doutro campo de acção, de cenários diferentes. Por isso aos 17 anos regressou à Índia e instalou-se em Lahore.

Fez alí uma carreira mais do que modesta num jornal intitulado «Gazeta Civil e Militar». Começou como simples empregado, passou depois a revisor e chegou por fim a redigir pequenas notícias. Empreendeu então a publicação de alguns contos, que tiveram um acolhimento melhor do que êle poderia esperar. Reuniu os seus trabalhos num livro a que deu o título de «Simples contos das Colinas». Foi o começo da sua carreira literária.

Animado por êste êxito publicou mais livros. A breve trecho era um escritor de renome na Índia. Mas continuava a ser pouco conhecido em Inglaterra. «A luz que se apaga», foi o seu primeiro livro que atravessou os mares e causou certa sensação. O público inglês interessou-se, discutiu e os editores londrinos não perderam a oportunidade de tornar conhecidas as obras já publicadas em Calicut.

Kipling sentira-se sempre inclinado à poesia. Apesar da sua celebridade se ter feito com obras de prosa, publicara já em 1886 algumas pequenas peças satíricas em verso. Estimulado pelo favor crescente do público, lançou em 1892, ano do seu casamento, uma colectanea de poesias intitulada «Canções da Caserna», que o revelou tão grande poeta como novelista.

A sua obra mais conhecida foi publicada em 1894. É o célebre «Livro da Selva» de que se venderam milhões de exemplares em todo o mundo e em especial nos países da língua inglêsa. Um ano depois Kipling publicou o «Segundo livro da Selva», que seguiu a triunfal esteira do anterior.

Viajante infatigável, percorreu o mundo em todos os sentidos. Conhecia tôda a Índia, visitou a China, percorreu a América, esteve na Birmânia. Nenhum recanto do vasto Império britânico lhe era estranho. Viajava como escritor que era, recolhendo impressões, colecionando personagens, que reproduzia nos seus livros com realismo e pitoresco. Tinha o culto juvenil da fôrça e da audácia, o que explica a sua popularidade entre a juventude. Por isso também cantou com lirismo as aventuras dos pioneiros que lançaram os alicerces do grande Império nos quatro cantos do globo.

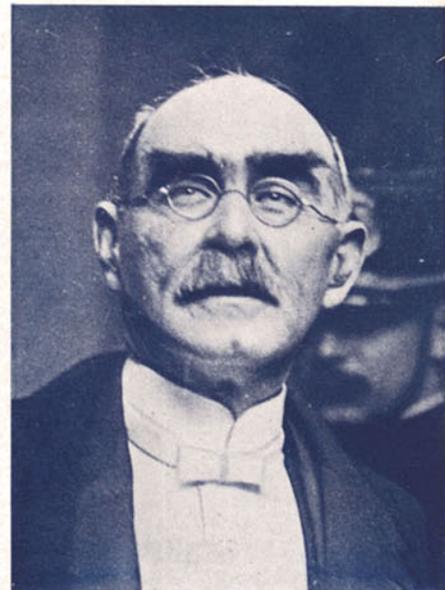
Em 1914, no começo da grande guerra, a Inglaterra hesitava sôbre o partido a tomar. Kipling consagrou-se deliberadamente à defêsa da França. Pôs a sua pena vibrante ao serviço dessa causa e entre as obras que escreveu conta-se «Poema à França», em que exalta com lirismo a grande nação latina.

Kipling tinha um filho único que contava por essa altura 18 anos apenas. Era todo o seu enlevo e não foi sem angústia que o pai o viu partir com o corpo expedicionário britânico em que se alistára como voluntário. O herdeiro do seu nome glorioso não devia voltar da trágica carnificina: ceifou-o uma bala nos campos de Flandres.

O poeta isolou-se então na sua dôr. Parecia desinteressado de tudo. Publicou, contudo, ainda alguns livros, embora mais espaçados A sua actividade afrouxara, mas o seu estilo conservara a mocidade e ardor dos primeiros anos. O seu último livro, formado por uma série de contos e poêmas, foi publicado em 1932.

A sua actividade literária foi consagrada em 1917 com o Prémio Nobel. Diversas Universidades lhes prestaram homenagem nomeando-o doutor *honoris-causa*.

Os livros de Kipling encontram-se traduzidos em quási tôdas as línguas. Em tôda a parte são recebidos quási como obras clássicas. As suas edições sucessivas produziram ao poeta uma receita consideravel. Kipling deixou por morte uma fortuna avaliada em 750.000 libras esterlinas.

Kipling surpreendido por um fotografo indiscreto, junto do túmulo do seu filho

São numerosas as anecdotas que se contam relativas ao poeta. Citêmos uma que circulou largamente por ocasião do seu 70.º aniversário.

Kipling foi um mau estudante. Desdenhava as ciências e já se revelara entre os seus colegas como um contista brilhante que todos escutavam com prazer. Os livros escolares não lhe mereciam grandes cuidados e não hesitava, nos momentos de apuro, em se desfazer dêles para conseguir algum dinheiro. Quando isto se soube, os colecionadores de autógrafos correram à localidade onde o jovem estudante vivera e dirigiram-se para o alfarrabista da terra. Ainda se encontrava à testa do estabelecimento uma simpática velhinha que conhecera Kipling e dêle se lembrava. Interrogada, exibiu vários livros que haviam pertencido ao poeta. E enquanto os colecionadores os folheavam ansiosos, explicou com candura:

— Estão muito bem conservados. Tinham aí muitas coisas escritas mas limpei tudo com a borracha.

Kipling tinha a mesma idade de Jorge V, que poucos dias lhe sobreviveu Foi sepultado na Abadia de Westminster, na cripta reservada aos grandes poetas. O seu funeral, se não teve grande imponência, por motivo de ter sobrevindo o falecimento real, constituiu no entanto uma significativa homenagem a que se associou toda a «elite» intelectual da Grã Bretanha.

Só depois da sua morte se tornou conhecido que o poeta legára há dez anos ao British Museum o original do seu famoso livro «Kim». O poeta determinára, porém, que a dádiva se conservasse secreta enquanto êle fôsse vivo, o que foi respeitado. Dado o preço por que os coleccionadores pagam os manuscritos de Kipling, a oferta feita ao Museum de Londres representa um valôr considerável, além de todo o interêsse histórico que oferece.

Como homenagem à memória do poeta, a direcção do Museum resolveu expor êsse manuscrito ao público.

Kipling exerceu grande influência sôbre os escritores do mundo inteiro. Ainda recentemente Alexandre Arnoux e Claude Farrère confessavam ter recebido a sua influência. E a que maior elogio pode aspirar um escritor?

Digamos ainda, para terminar, que a morte de Kipling foi dolorosamente sentida pelos escoteiros de todo o mundo que o consideravam, de certo modo, seu patrono espiritual.

A CELEBRIDADE DO PINTOR MARTIN

Há tempos, uma revista lisboeta orgulhava-se de contribuir para a iconografia de António Nobre com a publicação de um retrato rigorosamente inédito do saudoso poeta.

E, salientando o valor dêste documento de rara estimação, dava mais êstes esclarecimentos:

«Feito a lápis Faber, assina-o um modesto desenhista francês, Martin, que, impressionado com a inconfundível fisionomia do poeta doloroso do «*Só*», o apontou do natural a uma mesa do Suíço ou do Martinho, onde, quando em Lisboa, o vate errante da lusa melancolia costumava ir embalar a sua estranheza de parisiense exilado em Portugal, como procurava adormecer nos cafés de Paris a sua dolente saudade de lusíada desterrado no Bairro Latino».

Este retrato, recolhido cuidadosamente por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, encontrava-se na posse da viuva do malogrado artista.

Mas, afinal, quem seria o tal «modesto desenhista francês» que assinara «Martin» mais modestamente ainda?

O ilustre escritor e jornalista Oldemiro César, num recente artigo, desvendou êste mistério. O retrato do grande e pobre Anto fôra traçado pelo lápis do glorioso pintor Carlos Reis.

Eis como o artista insigne respondeu ao jornalista que se obstinava em divulgar esta singular descoberta:

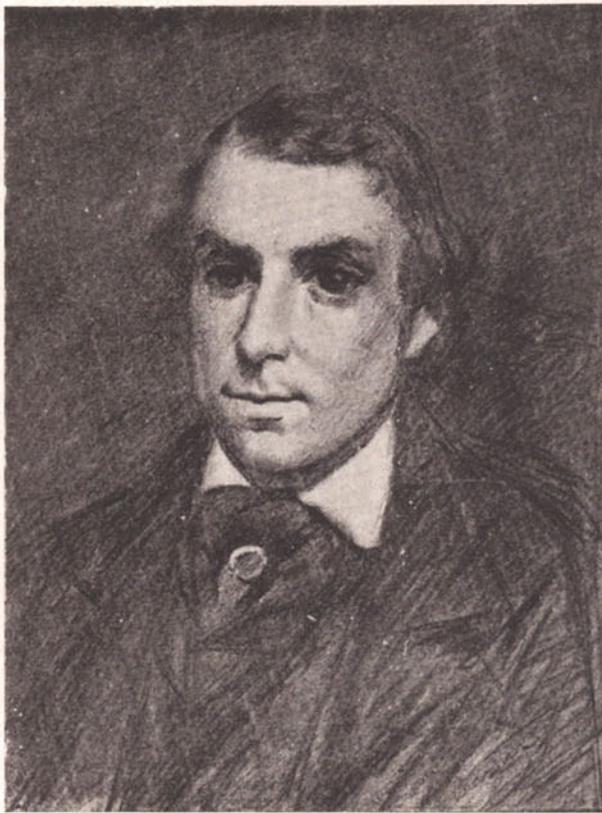
Meu amigo:

Não vejo inconveniente algum que se oponha à sua interessantíssima ideia de escrever um artigo em que figurem estas três personagens: um poeta, um pintor e um urso. Nada póde ofuscar a memória do Poeta que foi António Nobre, relembrando o seu caracol à Lord Byron, ou a sua bôca à Beaumarchais que tanto o preocupavam quando, a seu pedido, lhe fiz um pavoroso retrato a lápis, que passou mais tarde por ser obra do «célebre pintor Martin».

Nem tampouco à minha humilde obra póde fazer mal, mais um calamitoso retrato no renque dos péssimos que da minha mão têm saído.

Se algum de nós três têm a perder com a publicação do seu artigo, êsse será o caluniado Mr. Martin, urso pensionista do Jardim das Plantas de Paris, já falecido, a quem fiz atribuir a monstruosidade que eu desenhara, visto que eu fôra nêste caso o urso, do exigentíssimo António Nobre, como Mr. Martin, era o urso dos freqüentadores do Jardim.

Eu, fazendo as habilidades que o Nobre me impunha; êle, fazendo as que o público lhe exigia, a trôco de biscoitos atirados para a jaula.

E afinal, tudo o que têm cercado êste medonho retrato é uma formidável mentira, porque tendo sido eu o autor daquêle crime artístico, atirei com as responsabilidades para cima do pobre urso, que nunca concorreu em coisa alguma para que eu fizesse borracheiras, nem tampouco para a celebridade de tal pintor, como lha deu uma Ilustração de há muitos anos, na legenda que punha por baixo do retrato. E para que tudo fôsse mentira, êsse retrato do Nobre não se parece nada com o Nobre...

Voltei a vêr publicado êsse desenho, que fôra parar às mãos do Manuel Gustavo, numa Ilustração mais recente, e o articulista dizia ter sido desenhado por algum pintor medíocre e desconhecido à mesa de qualquer café.

«Medíocre»!? Péssimo!

Disponha sempre dêste seu amigo e admirador

Carlos Reis.

O retrato de António Nobre, assinado pelo misterioso Martin. — Em cima, o grande pintor Carlos Reis (auto-retrato)

Devidamente autorizado, Oldemiro César relatou então que António Nobre «queria um retrato para o seu primeiro livro, um bom retrato que não fôsse uma fotografia, com um nome a subscrevê-lo, o nome de *alguem*, ou pelo menos que um dia viesse a ser *alguem*. E depois de inuteis tentativas junto de outros, à porta do estudante Carlos Reis fôra bater.

«E o trabalho começou, depois de larga discussão sôbre a *pose* a adoptar, o processo a escolher que melhor désse uma boa reprodução na gravura.

«Optou-se pelo lápis, o lápis prodigioso do grande artista, tão prodigioso como o seu carvão e os seus pincéis.

«Mas com que insuportavel modêlo Carlos Reis tinha de haver-se!

«A todo o momento eram recomendações, observações disparatadas, abandôno da *pose* para ir espreitar o avanço do trabalho, que nunca o satisfazia.

«E a vaidade e o exibicionismo a manifestarem-se a cada passo, mal disfarçando os insólitos conselhos:

«— Não acha você que a minha bôca se assemelha imenso à de Beaumarchais?

«— Não se esqueça dêste meu típico caracol de cabelo, que Lord Byron também usava!

«O artista, irritado, enervado, desenhava e nada dizia. Até que, pronto o desenho, declarou vingativo:

«— Você, Nobre, foi um modêlo como eu nunca mais quero ter na minha vida! Massacrou-me, moeu-me como as crianças costumam moêr o bom do urso do Jardim das Plantas a quem baptizaram com o nome de Martin. Pois é com êsse nome estúpido e idiota que eu vou assinar êste trabalho que não me satisfaz! Aí o tem!

«E o seu lápis nervoso traçou o nome a um canto do desenho, ao fundo, quási imperceptível...

«O Poeta não disse nada. Guardou o desenho, que não viria a aproveitar para o seu primeiro livro, mas calou-se sôbre a sua autoria, deixando-o correr mundo sôb aquela assinatura de humorística fantasia...».

Mousinho da Silveira, Duque de Palmela, Duque de Saldanha e Silva Carvalho — quadro de Columbano

A ESPADA CONTRA O BISTURI

SALDANHA E OS MEDICOS

O glorioso marechal defensor da homeopatia

Quando em 1856 o marechal Saldanha cedeu o poder aos progressistas, não pensava apenas em voltar a ocupar-se da carreira diplomática, mas em realizar uma audaciosa incursão no perigoso terreno das ciências médicas. Em 1858 surgia arvorado em paladino da homeopatia, publicando com grande escândalo o seu famoso folheto "Estado da Medicina em 1858» em que se atirava aos médicos como Santiago aos moiros.

Relata o ilustre marechal no seu trabalho que dedica ao rei D. Pedro V e aos homens de consciência e superiores:

"Habituado a tomar banhos de água fria, tinha cedido às instâncias dos que os receavam no inverno, e havia tomado dois banhos de água tépida, quando, saindo do gabinete de Sua Majestade a Rainha, nosso símbolo, nosso estandarte, emblema das nossas liberdades, onde me tinha demorado mais de duas horas, não me resguardei do frio, apesar de estarmos no mês de Dezembro, não me lembrei dos banhos tépidos, e não abotoei a sobrecasaca. Quando subia a calçada da Pampulha, senti um esfriamento no peito, como se me tivessem lançado uma grande porção de água fria. Chegando ao Quartel General (tinha nessa manhã morrido o meu bom amigo e camarada o conde da Fonte Nova) senti uma dôr aguda no peito, logo depois todo o diafragma se ressentiu, mas a dôr tornou-se fixa.

"Resultou uma pleurodínia, um tumor considerável apareceu depois sôbre o lugar da dôr. Repetidas vezes pedi que fôsse aberto, mas o meu assistente, não obstante a flutuação que não só se sentia pelo tacto, mas pela vista, demorou-se por mais de oito dias. As repetidas vezes que êste caso tem sido tratado pela imprensa dispensa-nos de entrar nos seus pormenores. Entregue aos mais hábeis facultativos da capital (que a esta qualidade reuniam a de meus verdadeiros amigos, do que tantas provas recebi em todo o longo tempo que me trataram, pelo cuidado, assiduidade e interêsse de que ainda hoje me apraz dar um público testemunho), a grande ferida que resultára da operação que tinha sofrido, continuou por muitos meses, apresentando cada dia pior aspecto. Estando em Sintra no fim do verão do ano de 1854, foi vêr-me o meu amigo dr. Polido (a quem a humanidade tanto deve pelo excelente estado a que tem levado o nosso hospital de lunáticos) e dizer-me que uma grande reunião de facultativos meus amigos tinha tido lugar na véspera, e que êle tinha sido encarregado de me anunciar o interêsse que tinham por mim, e que o resultado da sua conferência fôra o ter-se julgado indispensável cortar-me o peito direito, e pôr sôbre a ferida um cáustico para reanimar aquêles tecidos que se apresentavam em estado de atrofia pouco agradável. O peito direito assentava no lábio inferior da ferida, tornando muito difícil as aplicações no lábio superior. Respondi com o bom humor que nunca me abandonou: "Bem sei, o que os senhores querem é comer um bife à minha custa. Façam de mim o que quizerem, sem embargo de me parecer que um cáustico no estado em que estou poderá produzir um tétano!» Neste momento, um criado anunciou o coronel J. Horta, a quem acompanhava outro homem. Veio o coronel, hoje brigadeiro, e disse-me que o interêsse que todos tinham pelo meu restabelecimento, tinha feito com que êle levasse consigo um cirurgião que acabava de chegar dos Açôres, a quem êle tinha visto fazer curas excelentes. Entrou o cirurgião que, na presença do meu amigo Polido, depois de examinar a ferida, me assegurou que em trinta dias estaria são, tomando trinta pílulas, que no fim de cinco dias a côr lardácia da ferida desapareceria, que no fim de outros cinco a ferida apresentaria uma bela côr de rosa, depois rubra, etc., etc.; e desejando eu saber a composição das pílulas milagrosas, disse-me que eram calomelanos. Não aceitei o tratamento, dizendo, que pôsto de sessenta e quatro anos, tinha os dentes firmes, e que não queria que a salivação os fizesse abanar, etc.

"A Providência, a quem tanto devo, permitiu que nessa noite me fôsse visitar o dr. Tavares de Almeida, que pouco depois morreu em Condeixa; contei-lhe o que tinha passado com o dr. Polido e com o cirurgião dos Açôres. O dr. Tavares de Almeida disse-me que nunca tinha emitido a sua opinião por eu nunca lhe haver falado nos meus padecimentos, mas que naquela ocasião a sua consciência ficaria gravada se não me dissesse que êle era médico de um hospital no Alentejo, que tomava conta dos doentes de cirurgia quando o cirurgião ia todos os anos a Lisboa tratar das suas demandas, e que quando voltava achava a enfermaria vasia; que o tratamento que êle empregava era o que Raspail estabelecera, e que me aconselhava que o seguisse depois de ter ouvido os meus assistentes. Respondi-lhe que isso não era necessário, porque êles tinham-me permitido fazer uso de um unguento que me tinham mandado de Roma, de outro que me tinham enviado de Nurenberg, do bálsamo que prepara o meu antigo camarada e amigo conde do Bonfim, e de outro bálsamo que fazia D. Pedro de Alarcão, enfim de todos os remédios caseiros que se tinham apresentado, até do tratamento pelo vinho da Madeira, recomendado pelo almirante Sartorius, e que por isso lhe pedia que receitasse imediatamente para mandar a Lisboa. No dia seguinte principiei o uso da cânfora, e, regressando à capital, entreguei-me aos cuidados dos srs. Sines e Alegro. No seu jornal têm o meu amigo Sines repetidas vezes feito vêr o tratamento que empregou no meu restabelecimento, e só acrescentarei o que disse no Tribunal da Boa Hora, quando ali fui testemunha. O sr. Sines foi o instrumento de que a Providencia se serviu, pelo emprêgo do método de Raspail, para me conservar a vida que por tanto tempo se julgou em perigo iminente, e para me restituír o vigôr da mocidade».

Marechal Duque de Saldanha

O bravo marechal duque de Saldanha, investindo sempre contra a alopatia que considerava prejudicial à sociedade, apoiava-se nas opiniões de grandes médicos como Paracelso e muitos outros de idêntico quilate.

Dizia Paracelso: "E' um perfeito absurdo acumular tantas drogas simples na mesma receita. Desgraçado método! Só serve para corromper e deitar a perder as coisas que assim se juntam».

"Se compararmos o bem que meia duzia de verdadeiros filhos de Esculápio têm feito sôbre a terra, dêsde a origem da medicina, — afirmava Boerhave — se compararmos êsse bem com os males com que os doutores têm acabrunhado o género humano, não podemos deixar de concluir que muito melhor teria sido que a medicina não tivesse aparecido no mundo».

Frappart garantia: "Todos os vinte anos, o mais tarde, a escola muda de sistêma: algumas vezes dois e três sistemas predominam na mesma escola; em suma, entre os médicos saídos da mesma escola, seguindo o mesmo sistêma, é impossível achar quatro que estejam acordes junto ao leito do enfêrmo. A ciência está em anarquia; a profissão em decadência. Medicina, pobre ciência! médicos, pobres sábios! doentes, pobres vitimas!»

O famoso Barthez saía-se com esta: "Nós médicos sômos uns cegos que, de pau na mão, damos à direita e à esquerda; bem vai ao enfêrmo quando a pancada acerta na doença».

Pierre Franck não estava com meias medidas: "Peço aos govêrnos que tornem os médicos responsaveis pelos milhares de mortes que fazem».

Sthal dizia que "de cada dez doentes que morrem, sete são mortos pela medicina».

Ante a investida do aguerrido duque de Saldanha surgiu o dr. Bernardino António Gomes, digno do nome e do talento de seu ilustre pai, que lhe jogou a seguinte carta aliás atenciosíssima:

Ill.mo e ex.mo sr. duque de Saldanha: Recebi e li o que V. Ex.ª publicou com o título de «Memória sôbre o estado da medicina em 1858». Agradeço a V. Ex.ª a atenção que mereci nesta remessa, e alguma expressão lisonjeira que incidentemente se dignou dispensar-me no corpo do escrito. Todo êste favor, porém, sr. duque, não apaga a dolorosa impressão que me produziu a leitura do livro, que muito desejava, por V. Ex.ª, que nunca houvesse publicado.

Quási do principio até o fim, V. Ex.ª escreveu debaixo da influência de falsas impressões, e talvez de algum despeito, que o tornam injusto, exagerado, apreciador infiel dos factos, e desapiedado até com uma classe, sôbre a qual já não pesam poucos motivos de desalento.

A situação de V. Ex.ª, com tôda a habilidade que Deus lhe deu, não póde ser muito melhor nêste objecto do que a do médico que nunca militou, e que tentasse escrever da arte da guerra, ou julgar os actos militares de V. Ex.ª

Não é dêste modo que V. Ex.ª pode esperar ser de auxílio ao nosso ilustrado monarca e ao seu govêrno para melhorar o ensino e prática da medicina no nosso país. O caminho para isso é outro e mais parecido com o que V. Ex.ª seguiu, com tão bom resultado, para melhorar a condição dos pobres alienados.

Sou com tôda a consideração, de V. Ex.ª muito atento, venerador e criado,

Dr. Bernardino António Gomes.

Saldanha na sua pujança

Saldanha não gostou da carta e ripostou azedamente num outro folhêto acusando o dr. Bernardino António Gomes de ter feito uso de uma lâmina magnetisada, e achar-se, portanto, convertido ao magnetismo. Já depois de publicado o folhêto, acrescentou-lhe uma nota em homenagem à verdade para declarar que a lâmina não foi para uso próprio mas para o de uma sua cliente.

"Uma tal declaração — salientava o marechal — não diminuía de modo nenhum a fôrça do argumento apresentado, antes lha aumentava. O médico consciencioso fará antes uso do remédio a respeito do qual possa duvidar do que o aplicará ao seu doente».

Salta, de novo, o dr. Bernardino a varrer a sua testada, dando uma nova lição ao fogoso marechal sôbre a aplicação da tal lâmina magnetizada *(busc electro-magnetique*, de Nicolle) e da sua aplicação sem confusão entre os factos de ordem mesmérica.

Em boa verdade, o dr. Bernardino António Gomes podia ter rasão na sua defesa da alopatia contra um profano que, apesar de tudo, o fez suar e dar ao diabo a mania dos marechais que se entretêm a debicar na medicina.

Asclepíades

ETNOGRAFIA AGRO-PECUÁRIA

A avicultura e a tradição

VEM de recuados tempos a crença em sediços preconceitos e a prática de determinadas usanças insensatas, que se vão transmitindo de geração em geração, preocupando espíritos boçais.

Janeiro é o mês escolhido de preferência pelas aldeãs para incubação das galinhas, visto terem bem presente o rifão popular advertindo-as de que os «*pintos de Janeiro vão com a mãi ao poleiro*».

As camponesas dispensam portanto, no decorrer dêste mês, particular atenção ao futuro repovoamento das capoeiras, distribuindo às galinhas chocas, *deitaduras* em número impar — treze ou quinze ovos — pois está generalizada a crença de que a eclosão não se verificará quando tal precaução não seja tomada.

No acto de acomodar as galinhas no ninheiro, para que estas cubram e aqueçam os ovos, as aldeãs fazem piedosamente as seguintes prédicas, ansiosas sempre por que o número de frangas exceda muito o de machos:

Seja em louvor de S. Romão, para que nasçam tudo pitas e só um cantão.

Seja em louvor de S. Gonçalo, para que saiam tudo pitas e só um galo.

Para que os ovos *empolhem* (se desenvolvam os germes) nunca deverá escolher-se para início das eclosões uma quarta-feira e será prudente evitar que os pintaínhos nasçam no *entreluo* (interlunio), de contrário a ninhada sairá... *entanguida e morrugenta.*

A galinha ficará bem *encarriçada,* isto é, tôda ocupada em chocar os ovos, se lhe for dado a comer fermento, todos os dias.

A gente do campo julga possível escolher pela forma os ovos que produzirão frangas, supondo que os mais curtos e arredondados, dão origem a femeas e, inversamente, os ovos oblongos e acuminados produzem machos.

«*Não contes os pintos senão depois de nascidos*», recomenda o provérbio e efectivamente muitos são os contratempos a prevenir, durante as incubações. As trovoadas, por exemplo, são temidas e para evitar os seus malefícios o povo costuma colocar, por baixo dos ninheiros das galinhas, dois ferros em cruz.

E' bom reünir em monte tôdas as cascas dos ovos da mesma «*deitadura*», conseguindo-se assim que os pintaínhos não se dispersem e andem sempre agrupados. Queimar as cascas dos ovos é imprudente, porque rebentará o anus à galinha poedeira.

Olaria popular alentejana

Para que os pintos saiam robustos e rompam fàcilmente as cascas, é conveniente borrifar os ovos da incubação com aguardente.

E' corrente a superstição de que as bruxas andam em correrias durante a noite, até à cantada do galo e tanto assim é que entre as mesmas tem curso o seguinte provérbio: — «*Galo branco, não me espanto; galo loiro, mau agoiro; galo preto, não me meto*». Reproduzimos um trecho da oração designada por *Padre Nosso Pequenino*, em que se alude ao *canto do galo preto:*

> «*Cruz em monte, cruz em monte,*
> *Nunca o demo te encontre,*
> *Nem de noite, nem de dia*
> *Nem à hora do meio dia.*
> *Já os galos pretos cantam,*
> *Já os anjos se alevantam,*
> *Já o Senhor sóbe à Cruz,*
> *Para sempre, amen, Jesus.*»

E' notória a preferência que o povo tem pela galinha *cuca*, ou pedrês, como o atestam os prolóquios populares:

— «*Galinha pedrês, vale por três.*»

— «*Galinha pedrês; não a comas, não a vendas, nem a dês.*»

As galinhas pintas, as riças e as de plumagem negra, têm igualmente os seus adeptos:

— «*Da galinha, a preta; da pata, a parda; da mulher a sarda.*»

— «*Galinha pinta, ovos trinta.*»

As galinhas de penas encrespadas (riças) são muito boas para o tratamento da disenteria e para livrarem de feitiçarias. As de plumagem preta, livram os donos de malefícios e as suas penas, embebidas em azeite da lâmpada, servem para curar erisipelas.

São ainda curiosos os seguintes preconceitos:

— Os galos velhos põem de sete em sete anos. Dos ovos saem cobras. (Santo Tirso).

(Continua na pág. 28)

Guilherme Felgueiras
(da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

Desenhos de AZINHAL ABELHO

Produtos da indústria popular barcelense

EM PROL DAS RIQUEZAS NATURAIS

O Congresso Nacional de Turismo

O Congresso Nacional de Turismo, que acaba de se reunir em Lisboa, constituiu um facto de relêvo na vida do nosso país, e dêle são de esperar os mais benéficos resultados para uma indústria que ocupa hoje lugar preponderante na economia nacional.

Tanto pelo número como pelo valor das teses apresentadas, ficou demonstrado que há muito em Portugal quem se consagre ao estudo dêste importante problema com louvável aplicação e o melhor proveito.

O cepticismo com que estas congregações de especialistas são muitas vezes acolhidas, teve neste caso o mais terminante desmentido. Só com evidente má fé se poderia pôr em dúvida a utilidade prática desta reunião, pela qual devemos felicitar os autores da iniciativa.

Fizeram-se sugestões, apontaram-se males, indicaram-se remédios. Se nem em tudo se pode seguir as opiniões apontadas — algumas vezes porque dependem dum conjunto ainda não conseguido — muito há nelas, contudo, de aproveitável e que não deixará, estamos certos, de encontrar em breve realização.

A indústria do turismo é das que maior desenvolvimento regista em Portugal nos últimos anos. Abandonou-se, felizmente, o velho processo de deixar tudo entregue ao acaso, confiando apenas em certos privilégios do clima e da paisagem. Quere isto dizer que se reconheceu existir uma ciência turística, bastante complexa, cujo estudo interessa aos países que, como Portugal, podem com ela valorizar os seus recursos naturais.

Não cabe nos limites desta página — que tem apenas o objectivo de registar gràficamente o notável acontecimento — fazer a resenha dos trabalhos do congresso.

As gravuras mostram, de cima para baixo: os congressistas em Sintra por ocasião da sua excursão aquela vila; um aspecto das sessões na Sociedade de Geografia; e dois trechos da assistência ao banquete no Casino Estoril, com que se encerraram os trabalhos.

Indígenas de Tibet. Imagem extraída do filme «A voz da India»

RELIGIÕES ESTRANHAS

À PROCURA DUM DEUS

A reincarnação do Dalaï-Lama chefe supremo do povo de Tibet

ATRAVÉS do longínquo e misterioso império do Tibet alguns homens, de posse duma ciência milenária, procuram actualmente um deus.

O caso seria incompreensível sob as nossas latitudes e no ambiente da nossa civilização. Mas no Tibet resume-se a uma prática que se repete de tempos a tempos, de há muitos séculos para cá.

O deus que os tibetanos procuram não se perdeu. Tão pouco surge agora inopinadamente. Mas morreu e por êsse motivo a sua alma mudou de residência, indo reincarnar-se no corpo tenro dum bébé que simultaneamente nasceu em qualquer ponto do país. Descobrir êsse bébé, eis o problema que os sacerdotes procuram resolver.

O Tibet, cuja capital é a cidade santa de Lhassa, foi durante muito tempo inacessível aos europeus. Branco que se aventurasse por essas paragens lá perdia quási sempre a vida. A situação modificou-se nos últimos tempos e hoje, o Tibet ocupa nas relações internacionais um papel que não pode ser menos prezado.

Se olharmos para o mapa da Asia, poderemos formar uma ideia do lugar que o Tibet ocupa no meio de interesses poderosos. E' êle o eixo de tôdas as vias estratégicas da Asia central, e por êle passa a linha de comunicação entre a India e a China. A sua longa fronteira com a India não deixa também de causar inquietações à Inglaterra, pois a influência do Tibet entre os indus insubmissos pode criar graves embaraços à tranquilidade do Império. Os sovietes não desprezam também êsse campo de acção e ali desenvolvem grande propaganda.

Por tudo isto, o Tibet, país de elevados planaltos, concita as atenções de várias potências, que acompanhava com interêsse os acontecimentos que ali se desenrolam.

A escolha do Dalaï-Lama é na vida dêsse país um facto de capital importância. O deus-vivo é, ao mesmo tempo, o senhor absoluto de todo o seu povo, e resume, melhor que nenhum outro chefe da História, os poderes temporal e espiritual. Não é de estranhar, portanto, que a sua reincarnação seja «influenciada» pois tão diversas individualidades como os agentes de Moscovo, o vice-rei das Indias, os chefes do Estado-Maior Japonês, os espiões chineses e os homens da confiança do Intelligence Service.

As misteriosas cerimónias que se desenrolam em Lhassa são portanto objecto duma activa política secreta, cujo alcance bem se compreende se considerarmos que dela depende a escolha do homem destinado a dirigir os destinos dum povo, sôbre o qual os restantes disputam a preponderância na influência.

■

O Tibet ocupa uma das regiões mais elevadas do globo — a dos planaltos do Himalaia. A sua população é calculada em dois milhões de habitantes e o seu território ocupa uma área igual à da França, a Itália e a Alemanha juntas. Dentro desta extensão encontram-se climas extremos: ao norte um frio rigoroso, ao sul uma temperatura tropical. Assim os caracteres físicos dos habitantes divergem bastante de região para região. Mas um dos pormenores mais curiosos é que, habituado a viver nas grandes altitudes, o tibetano tem uma capacidade torácica igual ao dobro da do homem vulgar. Os seus pulmões contêm duas vezes mais ar, o que os torna, até certo ponto, insensíveis à menor pressão atmosférica das regiões elevadas.

A posição geográfica do país, isolou os tibetanos do resto da Humanidade. Os seus costumes permanecem, por isso, extraordinàriamente primitivos. Mas sofreram a influência das civilizações vizinhas, que determinaram, afinal, o seu estado social. Da China receberam as maneiras, os costumes e a forma do govêrno. A India deu-lhes a religião e a cultura.

E' a fusão imperfeita destas influências que condiciona o viver dos tibetanos. Desconhecem o uso do sabão, não se lavam nem limpam o vestuário. E' a religião que governa todos os seus actos. Os sacerdotes — conhecidos por «lamas» — constituem a «élite» do país e concentram nas suas mãos todo o poder. Os conventos são numerosos — três dêles são os maiores que existem no Mundo — e o número de monges que os habitam eleva-se a mais de vinte mil. Na sua essência, o lamaísmo inspira-se no budismo, embora as suas práticas religiosas ofereçam considerável diferença.

O palácio de Chensa Lingka, sumptuosa residência do Dalaï Lama ultimamente falecido

Como consequência dêste estado social, o tibetano é naturalmente supersticioso. Cobre se de amuletos e serve-se dos mais singulares processos para conciliar as boas graças dos deuses. Usa, por exemplo, uns cilindros de cobre dentro dos quais são introduzidas as orações escritas em pequenos pedaços de pergaminho. Fazendo girar os cilindros produz-se um som abafado, que êles supõem ser tão agradável aos espíritos celestes como a própria oração.

O coronel Youngs Husband conta que, quando os ingleses empreenderam, em Abril de 1904, uma expedição punitiva no Tibet que terminou pela sua entrada vitoriosa em Lhassa, os habitantes foram consultar um «lama» que vivia em cheiro de santidade e pediram-lhe em talismã que os tornasse invulneráveis ás balas dos ingleses.

Pago por uma elevada quantia, o talismã apareceu, mas os resultados foram desanimadores. Os pobres tibetanos continuavam a cair como tordos. Foram, por isso, procurar o «lama» e deram-lhe conta do insucesso.

— E' que — disse-lhes o sacerdote — o meu talismã protege contra as balas de chumbo, e os ingleses servem-se de balas de prata.

Nova contribuição avultada e arranjou-se um talismã para as balas de prata. Mas os guerreiros tibetanos continuavam a cair em grande número...

Nova consulta ao «lama» que declarou:

— Os ingleses são muito espertos. Agora servem-se de balas de níquel, contra as quais há um feitiço mas que custa muito caro.

«Felizmente — concluiu o coronel — a guerra acabou com a nossa entrada em Lhassa, pois doutro modo os tibetanos acabariam por ficar reduzidos à indigência.

■

O chefe supremo dêste estranho povo é, como já dissemos, o Dalaï-Lama. Ao contrário do que com frequência se afirma, êle não pretende ser uma incarnação de Buda, mas de duas figuras históricas: Chen-ren-zig que viveu no século VII e Gedum Doub, homem de classe modesta mas de grande mérito que viveu no século XV.

A dignidade de Dalaï-Lama não é hereditária nem elegível. Os tibetanos creem que quando um Dalaï-Lama morre a sua alma instala-se no corpo duma criança qe nasce nesse momento. Sete sábios são encarregados de procurar o predestinado e é então que se desenvolve a intriga política. Cada qual procura exercer a sua influência, mas para o povo, que de nada sabe, a escolha do novo Deus conserva todo o seu prestígio.

Ngawang Loboang, o último Dalaï-Lama

Ao fim de algum tempo os sábios regressam à cidade santa acompanhados de certo número de crianças que apresentam os sinais indicados pela tradição. Entre êles, escolhem os que oferecem indicações mais evidentes e conduzem-nos para a sala do Grande Concelho, onde os sacerdotes de grande categoria se encontram sentados em frente de mesas octogonais de ouro. Cumpridos certos ritos, dispõem perante as crianças alguns objectos que pertenceram ao Dalaï-Lama falecido. O interesse que cada uma delas manifesta por essas relíquias serve de indício definitivo para a escolha do futuro deus.

A criança é então mergulhada em água trazida especialmente do Ganges, depois ungida com óleos e recebe as oferendas que consistem em ovos, porque êstes são dos presentes mais valiosos que se podem oferecer no Tibet. Chega a receber 7000 ovos de todos os pontos do país.

A mãi aparta-se então de seu filho. Este fica definitivamente entregue aos sacerdotes que hão-de formar o seu espírito para a missão que lhe está reservada. A criança não lhe pertence mais. Mas a título de compensação vendam-lhe os olhos e conduzem-na ao subterrâneo onde estão guardados os tesouros dos Dalaï-Lama. Ao chegar ali tiram-lhe a venda e deixam-na levar tanto ouro e pedrarias quanto as suas mãos possam conter.

Começa então a educação do jovem deus. Mas êste muitas vezes, não chega a atingir a maioridade. Para não perderem a sua influência, os sacerdotes desembaraçam-se dêle, servindo-se do veneno.

O Dalaï-Lama, que morreu em 1933, teve, na opinião de muitos, êsse trágico destino. Duma inteligência notável possuía um espírito aberto ao progresso, que o levou a adoptar certos benefícios da civilização.

O palácio de Potala que domina a cidade santa de Lhassa do alto duma iminencia escarpada

Isso valeu-lhe grande número de hostilidades. Conseguiu fazer instalar luz eléctrica na cidade santa e levou para lá um automóvel, de que se servia com geral reprovação dos seus súbditos. Mas a indignação atingiu o auge quando êle ordenou que os cilindros de orações do templo passassem a ser movidos por meio de electricidade.

Talvez não seja estranho a êstes factos a sua súbita morte. E, enquanto, tais dramas se desenrolam na sombra, êste povo singular, que dir-se-ia pertencer a outro planeta, aguarda a nova incarnação do seu deus-vivo.

Não virá longe o dia em que a civilização consiga forçar as portas dessas paragens tão aferradas a uma tradição sèdiça e cheia de preconceitos. A religião católica que ainda mantém as velas de cera nos seus altares e as lâmpadas de azeite nos nichos dos seus santos, concede o direito de iluminação eléctrica nos seus templos, o que lhes dá uma maior imponência e grandiosidade.

Porque não há-de o Tibet convencer-se das vantagens da civilização que só poderia agradar ao seu divino Buda que seria o primeiro a dar-lhe o seu aplauso se voltasse a êste mundo de enganos.

Os chineses, que tanto aprêço davam ao seu rabicho, são hoje os primeiros a reconhecer o ridículo de tal penduricalho a enfeitar-lhes a cabeça.

O AUDACIOSO ROUBO DA SERRA DA ESTRELA

Desvenda-se finalmente quem foi o engenhoso ladrão

Fiel á sua promessa, o detective que se ocupou na descoberta do roubo do hotel da Serra da Estrela, vem hoje explicar aos leitores da «Ilustração» como orientou as suas diligências até o apuramento final e definitivo.

Apenas chegou ao hotel, passou uma busca minuciosa a todos os quartos, verificando que tudo condizia com o relato feito pelos agentes roubados.

Pouco depois, chegou a esta conclusão:

O ladrão deve ter sido o hóspede belga.

— Essa agora! E qual o indício comprometedor?

— É fácil de encontrar. Logo que o agente teve a imprudencia de revelar a importante quantia que levava na pasta, não foi o belga que alvitrou o jogo das cartas, e, ante a afirmativa dos circunstantes, se apressou a subir ao seu quarto, afim de trazer um baralho que dizia ter guardado na mala?

— Foi o belga, sim, senhor.

— Não se demorou uns dez minutos, pelo menos?

— Isso mesmo.

— Pois bem: o belga subiu ao seu quarto com o pretexto de procurar as cartas de jogar, e, logo que chegou ali, deitou pela janela uma ponta de fio dobrado com o comprimento preciso para chegar á porta da rua. Como sabem, o quarto do belga ficava nessa direcção. Desceu despreocupadamente, e começou o jogo, quando alguem se lembrou de aludir ao temporal. Foi ainda o belga que se levantou a fim de certificar-se do tempo que fazia, se ainda nevava, e assim poder fazer uma previsão segura sôbre a manhã que os esperava. Abriu a porta, e saíu uns momentos até à estrada, aproveitando o ensejo de passar o fio dobrado pela aldraba da porta. Quando todos dormiam já, abriu a porta do quarto, e foi desenrolando o fio até o fundo das escadas que, como sabem, se encontravam às escuras. Nessa altura, puxando e alargando o fio, fez bater a aldraba, o que levou o agente a ir vêr quem batia. Aproveitando a ocasião em que o polícia espreitava pelo postigo, o belga desceu os poucos degraus que lhe faltavam e correu a ocultar-se na despensa. Ali aguardou o momento asado para agir. Quando o agente de guarda, sentado ao fogão, fazia por cumprir fielmente a sua missão, o belga, saindo do seu esconderijo, aproximou-se dêle sem ser pressentido, e descarregou-lhe a pancada de *casse-tête* que o fez perder o acôrdo. Tudo isto foi praticado sem ruído, visto que o outro agente, recolhido no cubículo contíguo, nem sequer o acordou.

Praticado o roubo, o ladrão voltou para o seu quarto, e, largando uma das pontas do fio, recolheu-o novamente sem deixar vestígios.

— Mas como conseguiu chegar a esta conclusão?

— Muito facilmente. Logo que cheguei, pude verificar que nenhum dos hóspedes saíu à rua após a chegada dos agentes, a não ser o belga que pretextara ir vêr o tempo que fazia. Estão até lembrados de que voltou em seguida para dizer que «já nevava menos e que o vento tinha mudado, tudo levando a crêr um próximo bom dia». Isto fez-me impressão. Ninguém tinha batido à porta, pois, como devem estar lembrados, o agente, ao espreitar pelo postigo, verificou que já não nevava e que o céu estava limpo. Portanto, quem tivesse passado na estrada, deixaria as pègadas na neve.

Foi êste o ponto em que me apoiei para chegar à minha conclusão. Que a aldraba da porta bateu, disso não restava a sombra de uma dúvida. Quem se teria aproximado da porta? Pensei que a aldraba podia funcionar por meio de um fio. Verifiquei então que a janela que ficava sôbre a porta era a do quarto do belga. Diabo! A prontidão com que foi buscar as cartas de jogar e o tempo que se demorou a procurá-las, não obstante saber muito bem onde as tinha, não eram indícios de grande abonação para êste hóspede.

Apertei a minha investigação, e, de dedução em dedução, reconstituí o roubo. Se os agentes tinham passado uma busca minuciosa ao local que lhes servia de reduto, verificando não haver ninguém escondido nem sob o leito do cubículo contíguo, nem debaixo de qualquer dos poucos móveis que ornavam a sala, nem na despensa, era de calcular que o ladrão descera pela escada, visto não poder vir da rua. Como se introduzira ali? Só no momento, em que o agente espreitava pelo postigo, a dar fé de quem batera à porta, do contrário daria pela sua entrada.

Tinha, portanto, de escolher entre os hóspedes, o hoteleiro e o próprio *chauffeur*. Sim, porque nestes casos temos de desconfiar de tôda a gente.

Feitas as minhas deduções, a figura do belga era a que se me apresentava mais suspeita. Todos os meus cálculos acertavam invariàvelmente na sua pessoa. Reconstituí mentalmente a cêna quatro ou cinco vezes, e sempre o belga tinha mais probabilidades de êxito.

Uma ou duas coincidências ainda se admitiriam, mas tantas, tantas... Ponderei maduramente.

Não havia já que duvidar e apertei-o no mais rigoroso interrogatório. Não me enganei, pois, como sabem, o belga acabou por confessar, confirmando tôdas as minhas hipóteses.

Foi êste o relatório que o hábil detective nos enviou, rematando-o com esta nota:

O que fiz qualquer leitor da «Ilustração» o poderia ter feito, pois eu não sabia mais do que êles.

Rubio Vaz.

Um curioso aspecto da Serra da Estrela

UMA RETROSPECTIVA

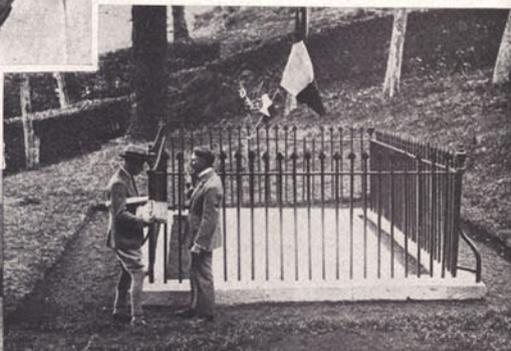
O novo rei de Inglaterra em Lisboa, quando ainda era príncipe de Gales

O novo rei de Inglaterra, Eduardo VIII conhece e aprecia o nosso país. Aqui esteve pela primeira vez em Abril de 1931, quando ainda era simplesmente o príncipe de Gales. Dirigia-se então para a América do Sul a bordo do «Arlanza» e acompanhava-se de seu irmão Jorge. Em Fevereiro de 1934 esteve no Pôrto, viajando incógnito. As gravuras que ilustram esta página mostram diferentes aspectos da sua primeira visita. *Ao alto:* os príncipes com o Chefe do Estado; *à esquerda:* o herdeiro do trono britânico no Estoril; *em cima:* com o então ministro dos Negócios Estrangeiros Fernando Branco; e *em baixo:* os dois filhos de Jorge V fazendo continência à força que prestou honras à sua chegada.

PREPARAÇÃO À CIÊNC DE GOVERNAR POVOS

A juventude d rei Eduardo VIII

O príncipe de Gales n quatro cantos do Mundo

Três fases da infância do novo rei da Inglaterra. Da esquerda para a direita, o futuro soberano com um, dois e seis anos, fotos tiradas respectivamente em 1895, 1896 e 1901. *A' direita:* No decurso das suas viagens, o príncipe de Gales visitou Santa Helena. Vêmo-lo aqui junto da sepultura onde esteve o corpo de Napoleão I antes da sua trasladação para os Inválidos, em Paris.

No Egipto. — O príncipe a caminho do túmulo de Tut-Ank-Amon, servindo-se do meio de locomoção tradicional no país. ←

Passagem do Equador. — Quando cruzou pela primeira vez o Equador, o futuro rei submeteu-se de boa vontade ao baptismo ministrado pelo rei Neptuno. →

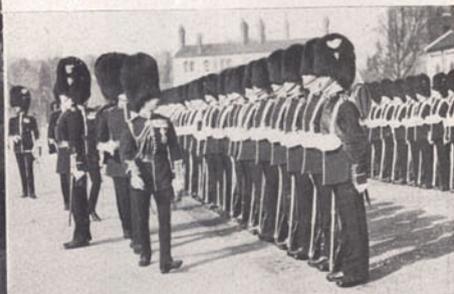
Em Africa. — Em Freetown, Serra Leoa, o príncipe segue atentamente o bailado duma beldade indígena. ←

No Império das Indias. — Recebido faustosamente pelos rajás, o príncipe de Gales caçou o tigre real e viveu algum tempo num cenário das mil e uma noites ↓

Em cima: O príncipe de Gales, com o uniforme de escoteiro, acompanhado por Lord Baden Powell. *A' direita:* O príncipe no Japão, vendo-se ao fundo o pitoresco monte Fujiyama. *Em baixo:* Passando revista às tropas da Africa Oriental e ao regimento de Welsh Guards, em Inglaterra.

A INGLAT DE LUTO

A MORTE D REI JORGE V

nobre e leal a os portugueses

O falecido soberano com suas netas, as princesas Isabel e Margarida, filhas do duque de York

COM a morte de Jorge V a Inglaterra perdeu um grande rei, e Portugal um amigo desvelado e leal.

Desde a sua ascenção ao trôno britânico mostrou-se envariavelmente um grande diplomata, digno herdeiro de uma tradição gloriosa que, mesmo em face do terrível flagêlo da Grande Guerra, soube sempre respeitar e dignificar.

O Kaiser, com o seu olhar de águia, tentava sondar-lhe as intenções e atraí-lo, senão a uma aliança, a uma neutralidade que seria cómoda em qualquer dos casos.

Nos últimos dias de Julho de 1914, o Kaiser, aproveitando a faúlha de Sarajevo para atear a fogueira, preocupava-se com a atitude britânica da qual dependeria o fiel da balança.

Enviou por êsse motivo a Londres o príncipe Henrique da Prússia, seu irmão, que julgou habilíssimo para realizar as necessárias sondagens junto de Jorge V. Pouco ou nada conseguiu o engenhoso emissário. Pelo menos, assim o revela a carta que escreveu de Kiel a Guilherme II, a dar-lhe contas da espinhosa missão.

"Antes da minha partida de Londres, quere dizer, domingo de manhã, 26 de Julho — escrevia o príncipe — tive a teu pedido uma conversa com o Rei, que estava perfeitamente ao corrente da situação actual, e que me assegurou que êle e o seu govêrno tentariam tudo para localizar a luta entre Austria e a Sérvia. Jorge disse-me textualmente: "Faremos todos os nossos esforços para nos conservamos fora desta questão e ficarmos neutros». Estava visivelmente preocupado e manifestou a mais séria e sincera intenção de um conflito mundial».

Esta resposta não agradou ao Kaiser que, n seguinte recebendo um telegrama do seu embai em Londres a comunicar-lhe as transformações as contra os manejos alemães, o anotava desta eira injusta e pouco diplomática: «A Inglaterra descobre-se neste momento em que sidera que nós estamos liquidados. Essa canalhada mercadores quís enganar-nos com jantares e discursos. A mistificação mais grosseira que ela preparou está nas palavras ditas pelo rei Jorge ao príncipe Henrique, que me eram dirigidas, e nas quais lhe afirmava que a Inglaterra ficaria neutral».

Nada disto assentava no mais ligeiro vislumbre de verdade. Jorge V, que se encontrava perfeitamente ao corrente da situação — o próprio príncipe da Prússia o afirmou — declarou tentar tudo para evitar o alastramento do incêndio que devorava a Austria e a Sérvia, salientou desejar manter uma neutralidade que a Alemanha deveria adotar também, e manifestou a mais séria e sincera intenção de evitar a terrível guerra que previa com o seu golpe de vista inteligente.

E tanto era assim que, na resposta dada pelo seu próprio punho à carta do presidente Poincaré que pedia uma intervenção decisiva da Grã-Bretanha para salvar a paz ou assegurar uma cooperação militar capaz de garantir a vitória das potências ocidentais, Jorge V, sempre prudente e num derradeiro e supremo esforço de conciliação, salientava "estar consagrando os seus melhores esforços junto dos imperadores da Rússia e da Alemanha, no sentido de retardar o início das operações militares e permitir assim que as operações diplomáticas prosseguissem com maior êxito».

E o grande soberano acrescentava:

"Quanto à atitude do meu país, os acontecimentos mudam com uma tal rapidez que é difícil fazer vaticínios sôbre o futuro. Mas podeis estar certo de que o meu govêrno continuará a examinar

A rainha Maria, companheira dedicada do morto durante o seu longo reinado

Jorge V com o rei da Itália, quando da viagem dêste a Londres

Victor Manuel passando revista à guarda de honra na companhia do soberano britânico

livre e lealmente, com o vosso embaixador, todos os assuntos que dizem respeito aos interesses das nossas duas nações.»

Quando esta resposta, tão nobre como o carácter que a ditara, chegou a Paris, já as tropas de Guilherme II

Fac-simile da assinatura de Jorge V

Em cima: Jorge V, com o trajo escocês, à chegada a um campo de corridas. À esquerda: O rei ao leme do seu iate «Britania»

haviam transpôsto as fronteiras francesas, abrindo hostilidades.

Seguiu-se o ataque a Liège.

Ante a agressão à neutralidade da Bélgica, a Inglaterra soube cumprir o seu dever, e declarou guerra à Alemanha. O rei Jorge V, fiel aos compromissos nacionais e às indicações da opinião publica, não consentiu que os laços de família ou quaisquer sentimentos pessoais impedissem a Inglaterra de cumprir dignamente o seu dever.

E assim decorreram quatro anos angustiosos de luta pavorosa no Mundo inteiro, manifestando-se sempre Jorge V o mais estrénuo defensor da causa do Direito e da Justiça.

Da sua afeição por nós fala eloquentemente tôda a sua vida sempre devotada aos mais nobres ideais.

Portanto, o luto que neste momento punge a Inglaterra é também o luto que envolve o coração de todos os portugueses.

Resta-nos a certeza — e seja êste o nosso melhor confôrto — de que Eduardo VIII, o novo rei da Inglaterra, como nosso amigo que sempre foi, saberá honrar as gloriosas tradições de seu Pai e de seu Avô.

Um grupo da familia real de Inglaterra

FIGURAS E FACTOS

Intercâmbio luso-galaico

Esteve em Lisboa na segunda quinzena do mês findo, a Tuna Académica de Santiago da Compostela, em visita do intercâmbio cultural ao nosso país. Fez-se ouvir num concerto no Ginásio, que foi muito aplaudido. Em cima, a Tuna; ao lado, alguns estudantes com a filha do sr. embaixador de Espanha.

Conde de Sabugosa

Mais uma edição do formoso livro «Donas dos tempos idos» que o Conde de Sabugosa escreveu em idos tempos também para nos recordar alguns espíritos suavíssimos que a acção corrosiva dos séculos vai diluindo.

Tito Martins

O autor das «Nuas e Cruas» que sob o pseudónimo de «João Verdades» tem escrito tão belos livros, publica mais uma obra «Ar cénico» que deve ter um extraordinário êxito idêntico aos anteriores.

Luiz Teixeira

«Acção turística» é uma nova obra do ilustre escritor e brilhante jornalista Luiz Teixeira acaba de publicar e que serviu de Tese no 1.º Congresso Nacional de Turismo. Nêste magnífico trabalho, em que é magistralmente tratado um problema capital da nossa terra, sobresai ainda a prosa burilada do seu autor.

Rosa Silvestre

A ilustre escritora sr.ª D. Maria Lamas acaba de publicar mais um livro, uma novela infantil que intitulou «Os brincos de cerejas». Se alguem em Portugal pode usar com propriedade o pseudónimo que escolheu, é «Rosa Silvestre». Por entre os matagais espinhosos da inveja, esta rosa bravia continua a sorrir com a sua beleza de sempre e o seu perfume embriagador a que todas as suas obras rescendem.

Portugal em Tanger

Graças ao esfôrço de homens de boa vontade, o prestígio português continua a manifestar-se nas adustas paragens de Marrocos, onde cada pedra evoca uma gloriosa tradição. A gravura que publicamos representa o novo edifício do consulado de Portugal em Tanger que além da sua bela aparência representa também mais um magnífico padrão a defender o bom nome do glorioso país que «deu mundos novos ao mundo».

Dr. Samuel Maia

O dr. Samuel Maia que nos tem dado obras magníficas como o «Sexo forte» que é um dos mais belos romances do nosso tempo, o «Braz Cadunha» que é a mais bela peça regional de todo o teatro português, é capaz de realizar maiores prodígios ainda. O seu último trabalho «O Vinho», em que trata das aplicações do sumo da uva deve ser lido por todos os que prezem a sua saúde.

Homenagem a Mousinho de Albuquerque

Na campa do Mousinho de Albuquerque foi, pelo sr. ministro das Colónias, deposta no dia 19 do mês findo uma palma de bronze. A gravura mostra um aspecto da cerimónia.

OS DOIS ERRANTES

No ano de 1839, realizando-se como de costume, a feira de S. Miguel em Leipzig, apareceu um indivíduo de aspecto taciturno que declarou chamar-se Isaac Ashaverus, e ser, nada mais nada menos, que o famoso *Judeu errante* de que nos fala a lenda.

Ante o espanto de quantos o ouviram, contou então uma história que não deixava de ser bem urdida:

— Pois é verdade, senhores. Nasci em Jerusalém no ano do Mundo de três novecentos e noventa e dois, isto é, oito anos antes de Jesus Cristo. Não vos falarei da minha infância, pois nenhuma singularidade existe nela. Meus pais deram-me alguma instrução, e muito cedo segui para casa de meus tios, onde aprendi o ofício de sapateiro. Aos trinta anos era eu um homem perfeito e de agradável figura. Depressa consegui numerosa clientela entre as senhoras de Jerusalém, pois era moda fazer o calçado na minha oficina.

Um dia, fui chamado pela mulher do centurião para lhe tomar a medida dumas sandálias, e fiquei enamorado. Uma noite fui surpreendido pelo marido, e, num ímpeto selvagem de salvar-me, matei-o. Depois, para ocultar o meu crime, meti o cadáver na cama, incumbindo a mulher de dizer a quem procurasse o marido que êste se encontrava doente. Ganharia tempo. Entretanto, havia de surgir um meio de salvação. Voltei a minha casa, e passei uma parte do dia numa agitação tremenda. Ao meio dia, encontrando-me sentado à minha porta, vi aproximar-se uma multidão ululante, conduzindo Jesus ao Calvário. Carregava e Rabbi com o madeiro em que deveria ser crucificado. Noutra ocasião sentiria pena, mas naquele momento pensava apenas em mim. Jesus, que parecia oprimido debaixo do madeiro, pediu-me que o ajudasse, pois não podia mais. Sangravam-lhe os pés e respirava ofegante. Todos os olhos se voltaram então para mim, o que ainda aumentou mais a minha perturbação. Tive a impressão de que liam no meu rosto o crime que acabava de cometer.

— Caminha! — respondi eu brutalmente ao padecente — que o teu sofrer não durará muito.

— Eu caminharei e descansarei — replicou Jesus — porém tu caminharás sempre sem descanso até ao Dia de Juizo!

Cumpriu-se a sentença. Apenas foi anunciada a morte do Rabbi, apoderou-se de mim um poder invencível. Tomei o meu bordão de peregrino, e parti acompanhado por Noémia, a mulher do centurião que eu assassinara.

— Seja feita a vontade de Deus! — exclamara ela quando lhe comuniquei a minha resolução — irei contigo.

Foi só pela experiência que soube as condições a que estava sujeito percorrendo a terra, e as facilidades que me são concedidas para executar a ordem de viajar até à destruïção do mundo. Posso passar sem comer nem beber que não se altera a minha saúde e posso comer brutalmente que não sôfro de indigestões. Sou invulnerável e não posso envelhecer. Desde o dia em que Jesus me condenou a esta vida errante, tenho tido sempre a mesma fôrça e a mesma figura. Tenho o condão de falar a língua de todos os países que atravesso, e trajo, segundo o uso do tempo e dos lugares em que me encontro.

Noémia, coitadinha! foi acabar os seus dias em Roma como concubina de um servo do imperador Domiciano, e eu continuarei a minha peregrinação até ao fim do mundo que não sei quando será.

Passou-se isto há 97 anos em Leipzig.

Agora surge um bávaro chamado João Baptista Müller que anda em peregrinação pelo mundo com uma cruz às costas como Cristo. Passou há dias por Lisboa.

O peregrino Müller com a cruz às costas

Isaac Ashaverus, cópia do retrato feito em Leipzig

Tendo-lhe morrido a mulher e dois filhos que eram o seu encanto, mergulhou na mais rigorosa penitência, alimentando-se com uma côdea de pão e um pouco de água. Ao cabo de seis anos construiu uma cruz, e tomou o rumo de Jerusalém. Ali chegou, após grandes fadigas, com os pés dilacerados pelas arestas dos caminhos. Atingiu, por fim, o tôpo do Calvário, e lá plantou a sua cruz, na convicção de que fizera alguma coisa em prol do bem da humanidade.

Descendo à cidade, construiu outra cruz e tomou o caminho de Roma, onde recebeu a benção do Santo Padre. Dali seguiu para Lourdes, depois para Compostela, e nunca mais pára o pobre peregrino que tão perseverantemente tenta traçar com as suas passadas a mais impressionante Imitação de Cristo.

É pena que o Isaac Ashaverus, de Leipzig, tenha desaparecido há quási um século. Seria interessante o seu encontro, e deveriam ter muito que contar um ao outro, porque, no fim de contas, de duas boas almas se tratava.

O *Judeu errante* conseguiria talvez o fim da sua tremenda expiação, não auxiliando o sacrificado Müller a conduzir a sua cruz, dando assim uma prova tardia de compaixão, mas a contar-lhe com a sua eloqüência de testemunha ocular a tragédia desenrolada há cêrca de dois mil anos no tôpo do Calvário.

Mostrar-lhe-ia que não valia a pena qualquer sacrifício em pról duma humanidade que termina sempre por crucificar os seus redentores.

E hoje, se repararmos bem, a humanidade está duas mil vezes pior do que há dois mil anos!

UMA IDEIA ORIGINAL

O AMOR NO SEGURO

É da América que saem os melhores e mais saborosos frutos, é de lá, também, que partem, para dar a volta ao mundo, as notícias mais imprevistas e originais.

Agora, ao que se diz, os filhos do tio Sam acabam de inventar um novo seguro, uma apólice protectora dos fracos e dos românticos — o seguro sôbre o amor.

Como à primeira vista nos pode parecer e seria lógico, não se trata de segurar o amor, na sua duração e lealdade.

Não. Não é para tornar mais constante o inconstante, nem para proteger a humanidade contra os riscos de uma traição.

Compreendia-se um prémio pecuniário, para compensar a mágua de um namorado ou namorada em mal de abandono, porque, como diz o povo, "lágrimas com pão, dôces são„.

Aqui o caso é completamente outro.

Segura-se a pessoa contra os perigos do amor, mas contra si própria.

É para tornar mais forte o coração para suportar o embate do amor.

Se não se puder resistir, cai-se no laço do matrimónio, e a companhia seguradora paga o prémio estipulado. Afinal, não é um mal, até têm um dotezinho.

É a consideração que se nos oferece, ao ler a notícia, não é verdade?

Mas é que êste seguro foi criado só para os artistas de cinema e, nesse caso, êles, os que se casam, ficam a perder, porque lhes fogem contratos muito mais vantajosos e mais sólidos do que os casamentos na América.

Os empresários produtores de filmes preferem artistas solteiros.

Os admiradores, embora nunca vejam coroados de exito os seus arroubos caprichosos por qualquer actriz, sendo ela livre sempre estão à espera, e vão com a sua persistência e admiração constante levando nas asas do rèclame o nome das eleitas, pensando que seria tolice e maldade dar a um só, a felicidade a que tantos aspiram.

Tal qual como na linda canção francesa:

Quand on est jolie,
Jolie comme vous,
L'on ne prend, ma mie,
Jamais un époux,
Donner votre vie,
Rien qu'à l'un de nous,
Vous feriez folie
Et trop de jaloux...

Com os homens do "écran„ acontece exactamente a mesma coisa.

Se estão ainda soltos das peias do casamento, as cartas de apaixonadas cinéfilas caiem em chuva torrencial no seu camarim. E, assim, as salas de projecção enchem-se, com êles e elas por chamariz, e os filmes produzem bom dinheiro.

Ao saberem os seus ídolos presos em cadeias legais, os entusiasmos esfriam e nas plateias vão aparecendo cadeiras vazias, com baixa sensível na receita da bilheteira.

■

Esta guerra que se quere agora fazer, ao marido provável, já dantes se fazia, à mãi das actrizes e bailarinas.

Nomeadamente, em França e em Espanha, havia, e deve haver ainda, o costume de as raparigas de teatro andarem sempre acompanhadas pelas mães.

Os frequentadores de palcos detestavam estes anjos guardiões, a quem chamavam "cães de pastor„, porque traziam a presa cubiçada bem guardada e sabiam defendê-la com unhas e dentes, em caso de tentativas de assalto.

Há em França vários livros, ironisando sôbre a acção das mães vigilantes.

Em Espanha, onde é ainda mais evidente a presença da mãe da actriz, também se tem satirisado bastante sôbre êste assunto. Filipe Sassone, o elegante cronista do *Blanco y Negro*, diz, num livro seu sôbre teatro, que a actriz devia ser orfã, de tal maneira as mães espanholas defendem as filhas com mais ardor do que o Cerbéro guardava a entrada do inferno. Não há liras que as adormeçam.

Conheci destas mães nas minhas "tournées„ por êsse mundo, e acheias-as admiráveis de tacto e amor pelo tesouro que guardavam.

Lembro-me muito bem, e com simpatia, da mãi da célebre Pastora Império, que foi minha companheira de cartaz, que nunca largava a filha. Pastora era uma morena encantadora, com uns olhos verdes que entonteciam quem os fitava.

Os galanteadores esbarravam, nas suas pretensões de conquista, com aquela muralha inexpugnável de um cuidado maternal, sempre àlerta.

■

Os americanos não receiam o baluarte materno. O que os ofusca é o marido. A oposição é mais forte e constante, no seu modo de ver.

Mas devem concordar que esta ideia de segurar as actrizes contra o risco de amar não é coisa que dê os resultados que se desejam obter.

Como resistir a êsse traquinas filho de Vénus, quando êle escolhe o alvo para a sua seta?

E, depois, o garoto é teimoso e tem de humano o sestro de querer com mais vontade aquilo que dêle se defende.

Quanto mais o evitam, mais êle aflige quem lhe foge com a sua assiduïdade e os seus requebros tentadores.

Veleidade das veleidades, querer segurar o coração dos mortais contra o amor.

Se, justamente, sem amor o coração não póde viver.

Pode-se passar algum tempo sósinho, despreocupado, sem aspirações de ternura, mas lá vem um dia em que o coração sente que lhe falta qualquer coisa indefinida e essa qualquer coisa é o amor — êsse tirano que tortura e consola ao mesmo tempo.

■

As actrizes da tela pódem ir pagando o prémio mensal do seguro, mas quantas delas não irão também fazendo votos para que aquilo acabe depressa e chegue a hora em que o recebedor leve o recibo recambiado?

E' que o dinheiro é muito bonito, sôa bem, dá luxo, dá comodidades, mas não dá o prazer espiritual de ter um pensamento reservado muito escondido, muito nosso, para um ente amado, ande êle longe ou perto de nós.

Ter um nome escrito em nossa alma, um nome que só nós sabemos e que dizemos baixinho, quando uma maldade nos fere; um nome que evocamos, nas horas de desanimo, o nome de alguém que nos quere e a quem queremos acima de tudo, há lá nada que valha esta glória?!

■

Começo por não acreditar nesta notícia americana e que há de ser uma pêta, *canard*, no calão jornalistico francês.

Mas se fôsse verdade, não lhe dava muitos meses de vida.

Apenas o tempo de êxito de uma curiosidade, uma revista de que divertiria como passatempo inofensivo:

Se fôsse verdade... Segurar-se contra o amor! Mas se o amor é tudo! Como diz o poeta:

...A treva e a luz — que importa?
Só nos importa o amor!

Não tenhamos ilusões. Não há apólices que valham cousa alguma contra as pérfidas embuscadas do amor. Nem mesmo para os americanos a despeito da sua obstinação em traduzir os sentimentos em dólares.

Quando muito, talvez se invente um dia uma vacina que imunize contra os terríveis estragos da infecção amorosa. Porque, segundo opiniões autorizadas, o amor é um bacilo que se transmite sobretudo pelo beijo. Mas a vida assim desinfectada perderá todo o seu encanto.

Mercedes Blasco.

A QUINZENA DESPORTIVA

Uma corrida de «cross» reune, em Paris, número de concorrentes que entre nós nunca se viu

NÃO foi apenas no nosso país que o football internacional ocupou o primeiro plano nas actualidades desportivas da quinzena.

O mesmo interesse, a mesma anciedade, o mesmo entusiasmo popular despertados entre nós pelo encontro com a Austria, surgiram por motivo semelhante nos países, cuja vida desportiva mais familiar nos é, a Espanha e a França, terminando numa e noutra por amargas desilusões.

Em Paris, os francêses receberam os holandêses, animados das melhores esperanças, fracassando afinal ruidosamente pois a superioridade adversária se cifrou ao cabo do jogo pela bagatela de 6 bolas a 1.

Ao encontro assistiram trinta mil pessoas, dos quais dez mil tinham vindo dos Países-Baixos acompanhar os seus compatriotas e deram largas a uma alegria compreensível.

Dentro do melhor bom senso, os vencidos aceitavam o amargor da derrota sem clamar que a pátria estava em perigo, e procuravam tirar o melhor proveito da lição, averiguando serenamente as causas do desastre para que êle não possa repetir-se.

Conhecemos certo cantinho à beira-mar plantado, onde os acontecimentos semelhantes provocam as iras intempestivas das mentalidades requintadas, cuja literatura piegas ou sediça tem pruridos impróprios da época e não consegue compreender o espírito desportivo moderno.

A crítica francêsa, nobremente, reconheceu a superioridade dos adversários vitoriosos e, procurou justificar a diferença de classe entre os dois grupos pela cultura física muito superior dos selecionados holandeses.

Idêntica inferioridade se verifica no desporto nacional, posta a claro pelo simples confronto visual com os jogadores estrangeiros que nos visitam.

No dia em que uma preparação física cuidada tiver criado na mocidade portuguêsa uma falange de atletas, os progressos acentuar-se-ão e teremos solucionado o problema angustioso das competições internacionais.

■

A visita do grupo austríaco de football à Peninsula Ibérica teve conseqüências sensacionais, pois pela primeira vez na sua história, o onze de Espanha foi batido em território nacional.

O football austríaco teve um período áureo cuja duração se pode estabelecer entre 1930 e 1934. Possuia, então, o célebre "Onze maravilha" que, depois de derrotar todos os adversários continentais foi a Londres assombrar com a sua técnica os mestres britânicos, os quais a custo venceram por 4-3.

O segundo ponto marcado pelos austríacos aos espanhois, provoca nos defensores os primeiros gestos de desespero

Na época em que o segundo campeonato do mundo traria ao valor dos austríacos uma justa consagração oficial, a classe do seu football baixou sensivelmente e a classificação obtida no torneio não correspondeu ás aspirações dos seus dirigentes.

Não desanimaram, por isso. Guiados pela autoridade de Hugo Meisl, o homem que consagrou toda a sua existência á preparação do grupo representativo, os austríacos foram reünindo e aperfeiçoando novos artistas da bola, com os quais vieram agora a Espanha buscar uma consagração que certificasse o ressurgimento do "Onze Maravilha".

Os factos deram-lhe satisfação: o grupo espanhol, vencedor em território nacional de quantos ousaram enfrentá-lo, desde a Itália à Inglaterra, baqueou ante a engrenagem perfeitíssima da equipa austríaca, cujo jôgo foi uma demonstração impecável do que deve ser football.

Queixam-se os nossos vizinhos da actuação deficiente dos seus extremo-defensores, culpando-os da derrota; acabou Zamora, apequenaram-se os Quincoces e Ciríaco inigualáveis outrora, fraquejou a linha média, e apenas o quinteto de ataque deu boa conta de si conseguindo pôr quatro vezes em cheque a defesa austríaca.

Nenhum destes argumentos diminue o alcance da vitória dos "centrais" e não cabe mal escrever a propósito e uma vez mais, que um grupo de football joga em regra bem ou mal consoante lho consente o grupo adversário.

■

A época das corridas através do campo recomeçou no mês findo e decorre com relativa animação, resultante sobretudo do aparecimento dalguns novos valores.

As provas realizadas até á data reüniram um número de concorrentes sensivelmente superior à média dos anos transactos e revelaram corredores desconhecidos cujas possibilidades apareceram ao primeiro contacto iguais às dos melhores especialistas.

Apezar de tais sintomas favoráveis não podemos declarar-nos satisfeitos porque os acontecimentos estão ainda longe de corresponder ao mínimo necessário.

Entre nós, considera-se um êxito, aquêle "cross" que apresenta à partida quatro dezenas de concorrentes, quando nos países onde o atletismo existe de verdade, estes se contam por centenas.

A corrida pelo campo, modalidade agradável e salutar, devia captar as simpatias da nossa mocidade e merecia por parte dos clubs praticantes uma propaganda intensa e persistente.

Há muitos rapazes capazes de correr provas do género, mas não aparecem porque os clubs apenas se interessam pelos valores consagrados e inscrevem, nas provas a que concorrem, o mínimo de homens indispensável à sua classificação.

Os "cross" populares, anualmente organizados em Lisboa por *Os Sports*, têm sido disputados por numerosa falange, constituindo sempre um espectáculo pitoresco e animado. Em se tratando, porém, de certames oficiais, caímos imediatamente na insuficiência trivial; podem as entidades dirigentes organizar, para estímulo, uma corrida cada domingo que todas se sucedem numa repetição constante e monótona.

As inundações em Inglaterra permitiram a esta atougaaa rapariga praticar desportos náuticos em plena rua da cidade

Para animar a época e variar o programa clássico, contamos êste ano com três provas em estrada, disputadas em distâncias crescentes e que servem de preparação e indicação para uma possível representação portuguesa na Maratona Olímpica.

■

Os portuguêses não têm motivo para lástimas pelo resultado do seu encontro com a selecção austriaca.

Contentêmo-nos com a honrosissima derrota recebida; perder apenas por uma bola, contra um grupo com a categoria do austriaco, mesmo entrando em conta com o benefício de jogar em casa e em terreno desfavoravel aos visitantes é, sem dúvida, resultado a registar com satisfação.

Ricardo Ornelas escreveu na sua crónica: "três, quatro dias mais, de brilhantismo assemelhavel e estará percorrida a primeira étapa da rehabilitação do footbal português, dentro da sua classe". Partindo dum crítico de competencia incontestada, a afirmação esclarece o problema.

A partida foi boa, principalmente pelo equilibrio relativo da luta até aos momentos derradeiros; a não ser no final, em que os austriacos insistiram na permanencia no meio campo português, o encontro disputou-se quasi sempre em alternancias de jogo, de caracteristicas diversas mas de interesse constante.

Os portuguêses tiveram, durante o primeiro tempo, o seu melhor periodo, cujo brilhantismo máximo corresponde á meia hora inicial, enquanto a fadiga não veiu atenuar as capacidades activas dos jogadores.

Hugo Meisl, o animador do football austriaco é um provado amigo dos portuguêses

Porque não assistimos ao encontro, não podemos formular sôbre a acção individual dos portuguêses, uma opinião pessoal. As impressões colhidas na imprensa são diversas e tocadas, mesmo da parte dos "patriarcas", pela influencia das simpatias clubistas. Registaremos apenas, porque será talvez a mais autorizada, a opinião do selecionador nacional Candido de Oliveira, indicando Albino e Carlos Pereira como os melhores no conjunto, e Mourão e Pireza como aqueles que mais se salientaram durante o primeiro tempo.

O valor da exibição pertence, no entanto, a todos, pois sem excepção empregaram o seu melhor esfôrço ao serviço do prestígio do desporto português. Arquivêmos-lhe os nomes, porque bem merecem o direito a esta citação: Soares dos Reis (F. C. P), Simões (Belenenses) e Gustavo (Bemfica); Albino (Bemfica), Rui Araujo (Sporting) e Carlos Pereira (F. C. P.); Mourão (Sporting), Pireza (Sporting), Sousa (F. C. P.), Nunes F. C. P.).

Durante a meia hora final do jogo, Waldemar Mota (F. C. P.), substituiu Pireza, que saira maguado do campo.

Salazar Carreira.

HUMORISMO

— *Shiu!!! O meu João está concentrado. Tem andado a ler as memórias de Napoleão.*

"ARQUIMÉDES — lia o aluno em voz alta — saltou da banheira gritando Eureka! Eureka!"

— Um momento atalhou o professor — Que quere dizer "Eureka"?

— "Eureka" quere dizer "achei".

— Muito bem. E que tinha êle achado?

O aluno titubeou e por fim aventou sem grande confiança:

— O sabão...

■

— Ouve lá, António. Já te esqueceste dos vinte mil reis que me deves?

— Não esqueci. Quando te avistei, ainda quís atravessar para o outro passeio mas já era tarde.

■

— Notaste como a minha voz enchia ontem o teatro.

— Sim. E até reparei que muitas pessoas saíam para lhe deixar espaço.

■

Procópio encontra Calino que tem naquele dia um ar contrariado.

— Que te aconteceu? — preguntou-lhe.

— Que me havia de acontecer?! Disse a meu filho que subisse a escada a dois e dois para não gastar os sapatos novos e êle subiu a três e três e rasgou as calças.

■

Haveria uma hora que Simplício passeava nervosamente a uma esquina da Baixa consultando com freqüencia o relógio. Por fim, a causadora desta espectativa chegou, e dirigindo-se a êle disse com o mais inocente sorriso:

— Espero que não seja tarde...

— De modo nenhum — atalhou Simplício — Estamos no dia e no mês em que tinhamos combinado encontrarmo-nos.

■

Diálogo conjugal:

— Esta sôpa tem muito sal, minha querida.

— Nada disso. A sôpa é que é pouca para esta quantidade de sal.

■

— Quantos são hoje?

— Não me lembro. Porque não vês no teu jornal?

— Não serve. E' de ontem.

O gatuno delicado: — *Deseja que lhe segure no revolver para poder fazer a ligação?*

A AVICULTURA E A TRADIÇÃO

(Continuado da pág. 12)

— As galinhas polainudas não devem escolher-se para dietas de enfermos. (Póvoa de Varzim).

— Os melhores frangos, são os de quilha torta e ainda os de grossa veia debaixo da asa. (Máia).

— A crista do galo evita o medo dos defuntos. (Barcelos).

— Para estimular a ovogenese das galinhas, deverá o avicultor comer os primeiros ovos das suas poedeiras, detraz duma porta, tendo um machado às costas.

— Para que as crianças de 6 a 7 anos não sejam atormentadas pelo mal da gota, é costume fazerem uma romagem à capela de S. Bartolomeu do Mar, levando na mão um frango preto. (Espozende).

Como foi dito já, em todos os tempos o povo ingénitamente supersticioso, deu crédito a predições.

Em Roma a ciência divinatória tinha os seus sacerdotes sendo altamente venerados os *augures** que tiravam presságios do vôo, do canto e das entranhas das aves para êsse fim sacrificadas e ainda do apetite dos frangos sagrados e da maneira como tomavam alimento. Ainda hoje são comumente admitidos grande número de agoiros que obstinadamente perduram, buscando alento na tradição.

Divulgaremos apenas os que dependem da maneira como as aves domésticas impressionam os indivíduos crentes em ilusórias ficções e em auspícios, baseados numa ciência vã:

Uma galinha espiolha-se ou recolhe de dia à capoeira; é prenúncio de chuva. Canta um galo diante de vós; é vitória certa, mas se é no dia em que vos casais, contai com graves disenções no lar. Uma galinha canta de galo; é indício de desgraça próxima, pelo que deve ser sacrificada. Igual fim deve ter o galo que cantar fora de horas. Lá está o adagiário popular a asseverá-lo:

— *«Galo que fora de horas canta, faca na garganta.»*

— *«Galinha que canta de galo, quere vêr o amo no adro.»*

O *Deus-galo* simbolizava na mitografia dos antigos gregos e romanos, a diligência e a vigilância. Como emblema da religião cristã, ainda hoje se vê freqüentemente o galo, nas ventielas que se ostentam no coruchéu dos campanários.

G. F.

* O nome de *augures* ou *avigures* deriva de *avis* (ave) e do verbo arcaico *gurere*.

SOB AS BENÇÃOS DO LUAR DE JANEIRO

Luar de janeiro,
Fria claridade...
A luz dêle foi talvez
Que primeiro
A bôca dum português
Disse a palavra — saüdade...

AUGUSTO GIL.

No mês de Fevereiro — faz agora sete anos — morreu o grande poeta Augusto Gil, em cujo coração sempre cantaram, como disse outro grande poeta que o acompanhou ao túmulo, uma cigarra e um rouxinol.

O seu altíssimo valor ficou marcado no punhado de livros que nos deixou, e a sua bondade na ternura que sentia pelas crianças.

"A um pequerrucho a quem dava sempre alguma coisa — conta um amigo — viu-se um dia forçado a não entregar a moeda de cobre do costume.

" — Hoje não pode ser — explicava o poeta — não trago dinheiro.

"Sucedeu isto três vezes. A espórtula, avultada para êsse tempo, era um vintém. Ao quarto dia, radiante, Augusto Gil dirigiu-se ao pequeno. E êste, perfilando-se e estendendo a mão:

" — Já me deve quatro vintens.

Augusto Gil

Augusto Gil com um tostão pagou a dívida e os juros. E contava depois isto com o ar mais natural do mundo, convencido de que saldara um débito."

Foi sempre assim o nosso querido Augusto Gil. A sua formosíssima poesia "O nosso lar" define bem tôda a bondade que lhe doirava a alma de sonhador extremoso, não só pelos seus que desejaria erguer acima das estrêlas, mas por todos os pobresinhos que deambulassem por êsse mundo:

As portas sem degraus. Que sejam rentes
Da terra. Portas largas e rasgadas,
Convidativas, francas, atraentes;

Ao rés da terra, para as aleijadas
E os trôpegos velhinhos indigentes
Se não cansarem a subir escadas...

Amplas janelas para a natureza.
Que o sol, na sua clara irradiação,
Dissipe, através delas, a tristeza;

Amplas — e baixas. Quem precise pão,
E o vir da rua, sôbre a nossa mesa,
Que estenda o braço, que lhe lance a mão...

Nunca deixou de ser, contudo, o orgulhoso serrano que defendia o seu direito de posse:

Causei-te longas horas de amargura,
Não consegues voltar a ser feliz;
A chaga que te abri não terá cura,
E se curar — lá fica a cicatriz.

Era um serrano com a dignidade de um príncipe, e um príncipe com a ingenuïdade de um serrano.

Assim viveu e assim morreu.

Naquela desoladora noite de Fevereiro em que morreu quis que lhe abrissem a janela do quarto para contemplar as estrêlas pela última vez. Depois, beijou sua mulher e, deixando descaír a cabeça no seu regaço carinhoso, rendeu a alma às paragens luminosas da *Alba Plena*.

Vai fazer sete anos que perdemos o nosso poeta, o autor delicioso dêsses versos...

... tão ingénuos, tão sentidos,
que o povo humilde os acolheu e os canta.

Augusto Gil — retrato por Columbano

O seu túmulo lá está no alto da cidade da Guarda como o ninho duma águia que, durante a sua curta vida pelo mundo, soube sempre fitar o sol a direito.

Foi esta a divisa do poeta.

Entrando em mais pormenorizadas confidências, chegou a explicar a sua predilecção por êsse rincão bravio que tão bem se adaptava ao seu espírito inquieto.

E escreveu:

"Porque sou um sertanejo, a região portuguesa que prefiro é a parte central da Beira: com as suas montanhas desnudadas ao alto e ensombradas nas encostas por castanheiros solenes, pinheirais trágicos, olivedos melancólicos; com seus povoados sonolentos e aconchegados nas eminências, em torno de castelo em ruínas, ou na curva dos vales que um retalho de céu cobre; com as suas temperaturas extremas, de calores abrasantes no estio e ventos fortes, frios intensos, sudários de neve, no inverno."

Jaz na cidade da Guarda, o excelso poeta do *Luar de Janeiro*. Para o seu monumento não poderiam ter escolhido mais belo pedestal.

Dali continuará a dominar o país inteiro com a sua inspiração imortal e cada vez mais atraente e sugestiva.

É que quanto mais lêmos os livros de Augusto Gil, mais desejos sentimos de os voltar a lêr e decorar.

PÁGINAS FEMININAS

Em tôda a vida humana há, póde dizer-se, um único fim, a procura da felicidade, êsse bem tão difícil de atingir para o homem e ainda mais para a mulher.

O homem talvez porque a sua concepção da felicidade é mais materialista consegue a muitas vezes com a realização das suas ambições, atingindo situações, que fôram o seu sonho de sempre ou mesmo ultrapassando muitas vezes aquilo, que ousava pensar. Nessa satisfação de justa vaidade, orgulho e ambição encontra o bem estar e o premio de todos os seus esforços.

A mulher muito mais sentimental, é muito mais difícil de contentar em matéria de felicidade. A sua sensibilidade, aumentada com a vibratilidade dos seus nervos fá-la sentir-se feliz com pequenas coisas, e, muito infeliz à mais pequena contrariedade. Esta disposição é tudo o que há de pior para a existencia da felicidade verdadeira e real.

Procurando a felicidade, não só no sentido material e comodista da vida, querendo viver com todo o conforto e até com luxo, joias, divertimentos, mas também com felicidade sentimental amando e sendo amada, a mulher causa muitas vezes a ruina da sua vida, despenhando-se por precipícios, que rosas floridas encobrem.

A procura da felicidade, o anseio pelo bem nêste mundo, um bem completo, inatingivel, é a causa da maioria das grandes desgraças da mulher, que não recebeu uma solida educação moral e religiosa.

O materializar a felicidade, êsse bem efémero, que dura anos nalgumas vidas, mezes e até dias noutras, é que é o grande êrro. O egoismo êsse sentimento bem humano, faz-nos supôr sempre dignas de todo o bem e durante tôda a nossa vida.

E' preciso que a rapariga que abre os olhos para a vida numa justificada esperança de encontrar a felicidade, saiba que a felicidade não pode existir em absoluto, e aprenda a cultiva-la dentro da própria vida e não no ambiente da fantasia, que a faz ver, idealmente perfeita, numa vida côr de rosa, sem sombra de nuvens, sem desgostos, sem lágrimas.

Essa vida não é dêste mundo, seria o paraizo e os homens ainda, o não merecem.

E' preciso que a rapariga, que casa, que se torna mulher, que procura a felicidade no seu lar, a encontre, não como a fantasia a póde arquitectar, mas sim, como a vida lha oferece.

Tratar de encontrar o lado feliz da sua vida, cultivá lo, desenvolvê-lo, e sobretudo adaptar-se à vida como ela se proporcionou sem exigir, nem procurar fóra dela a felicidade que sonhou.

Nunca querer remediar modificando a vida, abandonando os encargos, que Deus lhe deu, procurando eximir-se a cumprir o seu dever, e procurar a felicidade no precípicio, que as rosas escondem, e onde nunca a encontra, porque a única felicidade verdadeira e completa que existe nêste mundo consiste, no cumprimento do dever.

Em tôdas as vidas de mulher sejam elas casadas, solteiras ou viuvas, há horas de amargura, de lágrimas, de desgosto, de contrariedades, mas há também horas felizes, horas que valem vidas e saibam contentar-se com essa felicidade, saibam adaptar-se à vida e não fazer tragédias de pequenas coisas insignificantes, que não valem uma lágrima, e sôbretudo, sendo infelizes por pequenas coisas não façam no lar o mal-estar, por uma simples questão, por uma insignificancia.

Lembrem-se que a felicidade completa não póde existir «nêste vale de lágrimas», e, adaptando-se à vida, procurem dentro dela no cumprimento de todos os deveres, a felicidade que ela póde dar, e dá, a quem a sabe viver.

Maria de Eça.

A moda

Traz-nos sempre novidades e já não é como antigamente, que os figurinos quási não diferiam durante três anos e os vestidos duravam vidas, sem modificação. Verdade é que a vida da mulher era bem diferente e a duração dos vestidos explicava-se pelo pouco uso que êles tinham.

Uma senhora saía quási tantas vezes no mês, como sai agora no dia e por isso a duração de modas e de vestidos. A vida da mulher moderna, da que faz uma vida intensa de desportos, de distracções, de vida de sociedade, implica um verdadeiro guarda-roupa. Não se faz «ski» com o mesmo trajo, com que se monta a cavalo, com que se patina, com que se joga o «tennis», ou se fazem visitas ou se vai a um jantar ou a um baile. Cada coisa exige uma «toilette» diferente e como em geral a mulher elegante não se contenta de ter só um vestido para cada coisa, é respeitável o número de vestidos, que cada mulher possue. Para o «ski» êsse desporto tanto na moda e que já se faz com bastante entusiasmo na serra da Estrêla damos hoje dois modêlos que são tão elegantes, quanto a elegância feminina é compatível com êsse trajo. Um dêles compõe-se dumas calças em gabardine azul escuro, blusa em malha beige com gola forrada a vermelho, «echarpe» de lã em várias côres. O outro é todo em gabardine azul, blusa abotoada até ao pescoço e «bonet apache» na mesma fazenda. Botas atacadas, em coiro e solas pregueadas, completam esta clássica «toilette» das amadoras de «ski» que tantas vão sendo.

Para a tarde temos uma linda «toilette» em pano castanho, composto de um vestido e casaco, guarnecido a pele de cordeiro que tanto está em moda. A novidade desta «toilette» consiste na maneira como está disposta a pele nas mangas e na forma da gola e bandas, que têm um corte muito interessante.

E para notar que estas bandas e estas mangas convém muito às senhoras magras, e não são de aconselhar a senhoras fortes, porque aumentam muito o volume da «silhouette». Um engraçado chapéu em feltro castanho, guarnecido com uma borla em «passemanerie» do mesmo tom, completam o lindo conjunto.

As peles reaparecem num verdadeiro triunfo, que justifica o frio. Mas os longos casacos de pele não tem já a aceitação, que os tinha tornado quási indispensáveis nos últimos anos. O casaco de peles é agora usado até pouco abaixo do joelho como podem ver no lindo modêlo que damos hoje.

Executado em pele de gazela é do mais gracioso efeito, completado com a pequenina «toque» na mesma pele. Este ano é do maior «chic» a «toque» em pele.

Para a noite damos uma linda capa em veludo preto, guarnecida a raposa, que é do mais gracioso efeito e tem a recomendá-la a gola que pode ser usada como «capuchon» evitando as nevralgias na cabeça a que se estava exposta, saindo de salas excessivamente quentes.

E usada sôbre um vestido muito simples em «crepe marocain» azul pálido, guarnecido apenas com botões na mesma seda franzidos.

Na simplicidade absoluta de que se compõe, e no entanto uma «toilette» de luxo, pela riqueza da pele que a guarnece, e, quási forma a capa. É o lema da moda actual. Luxo discreto e de bom gôsto.

Higiene e beleza

Uma das coisas a que muitas senhoras não prestam a devida atenção é ao sabonete, que usam, e dêle depende e muito a conservação duma boa pele.

Deixem pois de se servir dum sabonete qualquer para lavar a cara e o corpo. Quem se banha e se lava todos os dias, que não faz trabalhos extraordinários, que não é carvoeira, nem estucadora, não necessita de fazer um uso excessivo de sabonete, apenas a quantidade suficiente para tirar a poeira e o excesso sebáceo produzido pelas glândulas.

Para isso deve fazer se uma cuidadosa escolha do sabonete, que a nossa pele melhor aceita. Deve ser um sabonete macio, duma marca conhecida, que tenha as matérias capazes de limpar a pele sem a secar demasiadamente ou de a irritar. E não empregar quantidade excessiva.

A pele exige uma enorme limpeza mas nunca deve ser irritada pelo uso dum mau sabonete.

A mulher na Arte

O ressurgimento da Polónia livre é um facto que marca na civilização europeia. Em tudo se vê uma vida nova, uma energia renovadora.

A literatura polaca tem sido uma revelação, e a Arte tem hoje na Polónia quem a cultive com a maior proficiência.

Nas pintoras modernas contam-se grandes nomes e entre tôdas se salienta o de Sofia Stryjeuska a grande artista que marcou com os seus «panneaux» no pavilhão polaco da Exposição de Artes Decorativas em Paris.

Modernista e impressionista, as obras de Sofia Stryjeuska têm uma poesia infinita que muita vez, nos transporta à ingenuidade dos neogáticos.

A felicidade com que esta senhora ressuscita a beleza plástica das lendas que ela descobre, meio esquecidas já, assombram-nos. A sua série de quadros «Deuses eslavos» fazem reviver tôda a lenda polaca, tôda a mitologia que se sente reviver nos cânticos polacos.

Na sua obra sente-se uma grande alma de artista e de patriota, que vibra com a maior sentimentalidade perante o belo.

O calçado e o seu tratamento

Uma dona de casa económica e poupada tem de saber conservar todos os objectos do seu uso e da sua família.

A verdadeira economia está em se conservar tudo em bom uso, e, não há objecto de vestuário sôbre o qual mais se esteja e que mais se fatigue do que o calçado. E não é tratado com o carinho que merece, não só pelos grandes serviços que presta, como também, pelos preços que atingiu.

Nunca se deve começar a usar um par de sapatos novos com o tempo húmido. Devem estrear-se com o tempo sêco e usá-los durante seis dias, para que a humidade natural dos pés e a graxa tornem o couro bem impermeável.

Os sapatos novos não são impermeáveis e onde entra a humidade uma vez entra sempre. Deve deixar-se descansar as botas ou os sapatos. Calçado que ande sempre e continuadamente a uso dura pouco. O couro é poroso e elástico e como os vestidos, pede descanso para voltar ao seu lugar, depois de ter dado de si.

Quem possa fazê-lo, deve ter pelo menos dois pares de sapatos que serão usados alternadamente. E podendo ser devem deixar-se descansar uns dias.

Não se devem comprar sapatos à tarde; a essa hora os pés são maiores e os sapatos muito grandes estragam-se mais depressa.

A melhor hora para comprar calçado é pelo meio dia. Se não possuem uma fôrma devem encher os sapatos com papel de seda, principalmente quando estiverem molhados ou húmidos.

Deve lavar-se todos os meses a graxa e untar o couro com gordura de carneiro, depois engraxar duas vezes e ficam com um brilho esplendido. De três em três semanas untar as solas com resina de pinheiro.

Tendo estes cuidados, o calçado dura o dôbro sem se estragar, o que representa uma grande economia no orçamento familiar.

Receita de cosinha

Perna de carneiro à milanesa: Com as pernas de carneiro é preciso tomar muito cuidado e não esquecer de tirar a glândula, que dá mau cheiro e mau gôsto. Deve também limpar-se muito bem de peles e gordura.

Depois de muito bem limpa, esfrega-se com sal, vinagre, cheiros, meio dente de alho e uma fôlha de louro. Unta-se muito bem com gordura de carne de boi ou de ganso e manteiga; põe-se na frigideira e deita-se-lhe um bom copo de vinho branco e umas cebolinhas pequenas das que as francesas chamam «échalottes».

Enquanto assa é preciso de vez em quando untar a perna com manteiga, e, juntar um pouco de caldo da panela, quando a frigideira estiver sêca. Depois de assada deixa-se esfriar Batem-se dois ovos com que se cobre tôda a perna, envolve-se em pão ralado e vai de novo ao forno até alourar muito bem.

De mulher para mulher

Marieta: E' extraordinário o que o Carnaval preocupa as raparigas. Efectivamente em Lisboa é quási a única época em que há divertimentos e por isso é desculpável o seu entusiásmo. Para o seu tipo de morena forte tem na clássica espanhola um belo «travesti» ou no trajo nacional de mexicana, que exige êsse tipo.

Alice: Agradeço-lhe muito a sua gentilesa e também eu lhe desejo as maiores felicidades em 1936. Para a sua «toilette» aconselho-lhe o veludo preto, é sempre o mais chic. O chapéu com uma «aigrette» ou «paradis» completará o conjunto.

Mãi desconsolada: Creia, minha senhora, que a lamento mas não compreendo como perdeu de todo a influência na sua filha. Decerto mimo e indulgência demasiada, as piores coisas para as filhas. Mas aos 18 anos ainda está a tempo de ser modificada. O que é preciso é ser firme e fazer ver com calma e energia à sua filha que procede muito mal não atendendo sua mãi.

Pensamentos

Lutar é a fôrça do homem; a da mulher é seduzir pela meiguice e pela doçura.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 51

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 42

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

EFONSA
N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO
N.º 20

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 19, Efonsa.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 21 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 16. — Salustiano, 14. — Rei-Luso, 14. — Só-Na-Fer, 14. — Só Lemos, 14. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 13. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 11.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Ache-chega-achega. 2 — Contra-traír-contraír. 3 — Cheiro-rosa-cheirosa. 4 — Candi-Dido-cândido. 5 — Quebrado. 6 — Grulhado. 7 — Café. 8 — Valdomira. 9 — Galante. 10 — Tremido-tredo. 11 — Raposa-rasa. 12 — Tomado-todo. 13 — Vareira-vara. 14 — Frumento-fruto. 15 — Mamota-mata. 16 — Aceso-aso. 17 — Resolver-rever. 18 — Rôlo-a-ão. 19 — Ella. 20 — *Enofobia.* 21 — *A verdade é clara e a mentira sombra.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) É um verdadeiro *trambolhão* que dá tôda a gente que perde a *cabeça* quando se convence que há de enriquecer ao «*jôgo*». (2-2) 3.
Lisboa — *Moreninha*

2) A *pessoa baixa e gorda* com muito *pudor* está sempre pronta para dar uma *bofetada* a quem a ofende. (2-2) 3.
Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

3) *Conforme* te disse, o meu *quarto de dormir* é no *sótão.* 2-3.
Lisboa — *Chim Pan Zé*

4) É «*encantador*» morrer *na* cama com um *desgôsto* ... 2-1.
Lisboa — *Miss Diabo*

5) Uma *gota* de vinho é aquilo *a* que V. chama *pinga de vinho?* 2-1.
Lisboa — *Dr. Magrinho*

6) A *repressão* do pensamento é *pena* igual à do *enclausurado.* 3-1.
S. Pôrto-Bié — *Efonsa*

7) *Nesta terra* há uma *estrada* por onde se pode transitar com um *porquinho da Índia.* 1-2.
Luanda — *Ti-Beado*

8) O *sabor picante* do peixe *até* me fêz deitar fora o *lanche.* 2-1.
Lisboa — *Vina*

SINCOPADAS

9) *Dilato*, mas não tanto como tu dizes no teu *cálculo.* 3-2.
Lisboa — *Lérias*

10) A minha *namorada* é uma linda «*mulher*». 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

11) Esta *almofada* é *ordinária.* 3-2.
Lisboa — *Veiga*

12) É *boato falso* o barco mudar de *rumo.* 3-2.
Lisboa — *Xis & Grego*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

13) No feminino
Mulher garrida
Aqui apresento,
Não delambida.

No masculino
Ou na *primavera,*
E' fácil topar
Com uma fera.

No aumentativo
Verão um «*remeiro*»
Na sua faina
Sempre ligeiro.

Luanda — *Ti-Breado*

14) Com três letras consoantes
Apreciem o que eu fiz
Depressinha, nuns instantes,
P'ra servir de *chamariz.*

Lisboa — *To-My*

LONOGRIFO

(Aos confrades africanistas)

Hesitações entre o «tertius gaudet...» e «as barbas do vizinho a arder».

15) «Amigos...» Um esperto audaz, *nobre*, arrogante 3, 1, 5, 7
E ambicioso pação.
O outro, opulento, inculto, habitando distante,
Nos confins do sertão.

Veio, há anos *atrás*, o inculto à capital 2, 4, 2, 7
Com grande luzimento.
Júbilo; apresentação no Palácio Real...
O eterno fingimento...

Invejoso de *marca*, o esperto diz consigo: 2, 1, 5, 7
«E' justo, porventura,
«*Que*» eu viva na penúria e aquele ignaro amigo 1, 2, 2, 1
Tenha bens com fartura?

«*Isso* não pode ser!» Desfez-se da mobília 1, 5, 5, 7
E, indo-lhe na peügada,
Foi instalar-lhe em casa o grosso da família,
Pondo-o fora, à mòcada.

Vizinhos, vendo a acção, disseram: «'sso é feio...»
Mas irem apartá-los...
Esperem lá por essa!... Assalta-os o receio
Que lhes pisem os calos...

«É preciso *cuidado*!» Exclamam hesitantes, 7, 5, 6, 7
«Com mêdo, ou talvez manha;
«O caso é muito sério... E entre dois litigantes
O terceiro é que apanha.»
... O *despôjo?* A «castanha»?

Lisboa — *Sileno*

MEFISTOFÉLICAS

16) Junte tudo bem *juntinho*,
Excepto o que fôr pior,
Porque aqui neste cantinho
Não há nada *inferior.* (2-2) 3.

Lisboa — *Kás Kassa*

17) Ninguém *suspeita*, Maria
Que me tenhas *entregado*
Os teus lábios algum dia,
Põe a *tristeza* de lado. (2-2) 3.

Lisboa — *Keforter Fatal*

18) Na minha *agrura* e tristeza
Apenas me dá *vontade*
De morrer, pois, com franqueza,
Já não creio na *amizade* (2-2) 3.

Lisboa — *Vina*

NOVÍSSIMAS

19) Não é só mau cidadão
O que ao crime *se* habitua; — 1
Quem se apossa do alheio
Como sendo coisa sua.

Também é mau cidadão
Quem vendo a *pátria* em perigo — 2
Lhe recusa a sua vida,
Fugindo à cata de «*abrigo*».

Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

20) Que carta a tua, meu amor!
Achas «*encantador*», — 2
E ris,
Sem dó, sequer,
Desta pobre mulher
Tão infeliz?
Na vida tudo passa .. — 1
A sorte de hoje
Amanhã foge
E tudo em dor se afunda.
A tristeza que o meu rosto
Agora inunda
Será o teu *desgôsto*
De algum dia.
Morrerá tua alegria,
Descansa!
Não deixa Deus os justos sem vingança!

Lisboa — *Kossor*

21) Causam-me *enfado* os teus lábios, - 3
«*Um*» prazer insidioso... — 1
Bem disseram velhos sábios:
Desejo *fastidioso*...

Lisboa — *Papo-Sêco*

22) Repenica, *repenica*, — 3
O' meu rico S. João...
A' *passagem* lá na Bica — 2
Da marcha na *perfeição.*

Lisboa — *Sodargil*

23) Com teu *modo* sedutor — 2
Sòmente fico encantado. — 1
Até julgo, meu amor,
Que é p'ra mim *apropriado.*

Lisboa — *To-My*

SINCOPADA

24) Como é linda a *madrugada*,
Quando roça na folhagem
Em bandos a passarada
E perpassa fresca *aragem.* — 3-2.

Santarém — *Mister Anão*

TRABALHOS DESENHADOS

25) ENIGMA FIGURADO

LEIRIA — MAGNATE

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festa de Homenagem

Constituiu, como era de esperar, uma verdadeira parada de mundanismo, a récita realisada no teatro do Ginásio, na noite de 17 de Janeiro último, organisada pela emprêsa Lucília Simões-Erico Braga, em honra dos seus cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, dois incansaveis rapazes, que estão prontos sempre em colaborar em tôdas as festas de caridade, que as principais famílias da nossa primeira sociedade levam a efeito, que sem o precioso auxílio das suas secções mundanas dos jornais diários não teriam o brilho desejado. Abriu o espectáculo pela representação da peça «A Dama Branca» na qual a ilustre artista Lucília Simões, tem um soberbo trabalho, seguiu-se o a-propósito em um acto «Um serão em Queluz», em que gentilmente tomaram parte os principais elementos da brilhante companhia Lucília Simões-Erico Braga, um notável cantador de fados do «Retiro da Severa» Alberto Costa, e um grupo de gentis bailarinas do teatro Apolo cedidas gentilmente pela emprêsa José Loureiro, ensaiadas pela ilustre professora do Conservatório Nacional de Lisboa, sr.ª D. Encarnacion Fernandes. No segundo intervalo os distintos artistas José Marques, guitarra, substituindo o Armando Freire (Armandinho), que se encontrava de cama, e Santos Moreira (viola), executaram algumas variações de fados, tendo todo o programa deixado a melhor impressão na selecta assistência que enchia por completo a linda sala do Ginásio.

Damos em seguida a nota da selecta assistência:

D. Maria do Carmo Contreiras Machado, Marqueza de Fontes Pereira de Melo, Condessa de Castro Sela, Condessa de Monte Real, Condessa de São Tiago, Condessa de Idanha-a-Nova, Condessa de Castro, Condessa de Santar, Condessa de São Mamede, Viscondessa de Merceana, Viscondessa de Santa Margarida, Viscondessa de Tojal, Viscondessa de Atouguia, Baroneza de Almeirim e filha, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha, D. Josefa Contreiras, D. Alda Cabral Gentil e filha, D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Virginia de Abreu Caráça, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Amélia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Maria del Pilar Velases Fernandes de Oliveira e filhas, D. Rita de Somer Pereira, D. Izabel Gayri, D. Eugénia dos Santos Loureiro, D. Cecilia Carbonilli de Arenas de Lima, D. Beatriz de Mendonça, D. Eliza da Costa Novaes, D. Atanazi de Brito e Abreu Crow, D. Ana Diniz de Melo Rego, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Maria Ernestina de Magalhães Monteiro de Carvalho, D. Adelina Santos, D. Estefania de Macedo Dias Macieira, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Lidia de Castelo Branco Melo e filha, D. Emília de Anciães Proença Pereira do Vale, D. Palmira da Costa e Silva, e filha, D. Júlia Camacho Santos, senhora de Carlos Eugénio Moutinho de Almeida e filha, D. Verdiana Paula Nogueira, D. Fanny Fonseca, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Maria Clementina da Silva Carvalho Santos e filha, D. Felismina Cardim, D. Tomazia Ereira e filha, D. Berta Gaulart de Sousa Caldas Forte, D. Ema Torre do Vale, D. Beatriz Braga de Melo, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filhas, D. Maria de Santana Benard Guedes, D. Nina de Andrade e filha, D. Maria Gomes Barbosa e filha, D. Laura Serzedelo Teixeira de Sousa, D. Maria Antónia Pinheiro Xavier e filhas, D. Eliza Talene Ferreira, D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Ilda Xavier de Brito Barata, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Maria Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Maria Leonor Corrêa de Sampaio Ferreira Roquete, D. Alice Ferreira Roquete, D. Maria de Freitas de Oliveira Pais, D. Judite Mendes da Costa Novaes e filhas, D. Izailde de Vasconcelos Salgado, D. Carmen Turnes, senhora de Jaime Costa e filha, D. Sara Costa Freire de Andrade de Eça, D. Maria Clara de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá, D. Maria Ana de Borja Trindade Dias e filha, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Cora Costa, D. Maria Primitiva Fernandes Muiñoz e filha, D. Maria Luiza Marana, D. Maria Adelaide Barros da Costa Serra, D. Ilda Gonçalves de Magalhães Coutinho, D. Maria da Guia Ferreira Patricio e filha, D. Emilia Pimentel, D. Felismina de Sousa d'Eiró, D. Raquel Pereira, D. Maria Henriqueta Abrantes Pereira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filhas, D. Maria Herminia de Oliveira Pais, D. Maria Gezda Correia Marques, D. Margarida Querial Macieira, D. Joane von Gingelon e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Elvira de Macedo, D. Ema Vister, D. Mary de Brito Keil, D. Maria das Dores da Silva Monteiro, D. Alice de Sousa Melo e filha, D. Olinda Maria Cortegaça Alves e filha, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Maria Natália Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Júlia Assis de Brito, D. Maria da Conceição Assis de Brito, D. Maria Cristina Olavo, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Adelaide Atouguia Roque da Fonseca, D. Diva de Andrade, D. Adelia Diniz de Almeida, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, senhora do dr. Braga Paixão, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Ilda da Costa Blanch, D. Maria da Glória Vaz Monteiro da Silva Avelar, D. Ida Fragoso Alcobia, D. Maria Amélia Aires de Campos de Barros Monteiro, D. Maria Vana da Fonseca de Barros Gomes, D. Maria Lucinda da Fonseca de Medeiros Antunes, D. Maria Lobato de Melo e sobrinha, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, D. Adélia Borges de Carvalho, D. Maria de Saldanha Ramos Pinto, D. Maria José de Aboim de Quental, D. Maria Emília Cabral da Silva Fernandes Tomaz, D. Elvira Bastos Vicente Ribeiro, D. Maria Regina Pereira do Vale Salgueiro da Costa, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão e filha, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Fernanda Soares Ramos da Silva, D. Virgínia Lopes da Silva, D. Encarnação Pereira de Lima, D. Cora Costa, D. Adela Palau de Reura, D. Maria Peixoto da Costa Felix, D. Alzira Marques da Costa Caeiro, D. Maria Rosalia da Cruz Sobral Marques da Costa, D. Corina Rosa Lima, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Maria Luiza Somer Ribeiro Guerreiro Nuno, D. Berta Figueiredo da Mota Marques, D. Marion Crow de Brito e Abreu, D. Maria Amélia Lucas Torres Farinha, D. Judite Benjamin Pinto, D. Maria Eugénia Olimpia de Seabra, senhora de Victor Fuschini, D. Beatriz Duarte Silva da Mota Marques, D. Maria Margarida Franco dos Santos, senhora de António de Anciães Proença, D. Maria da Conceição Paraiso Duarte Mourão, D. Maria Cincinato da Costa, D. Maria Valente, D. Maria de Loreto Manoel de Borja Trindade, D. Fernanda Mantellana, D. Maria José de Sousa Rego, D. Maria de Faria, senhora de António Valentim de Sousa Rego e filha, D. Maria de Lourdes de Somer Ribeiro, D. Gracinda dos Anjos de Castro Araujo, D. Maria Luiza e D. Sára Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Maria de Lourdes de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Cecilia Lopes de Alameida e prima, D. Mariana e D. Maria Duarte Silva, D. Lidi-Ogando Amado, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Guilhermina Marques Vieira e filha, D. Maria Braz Seabra da Costa e filhas, D. Maria Macieira de Barros, D. Maria de Quental, etc.

Casamento da sr.ª D. Maria Cristina Peile da Costa Maia, com o sr. D. João Luis de Seabra da Camara (Ribeira Grande), realisado na paroquial de Santa Isabel.

Casamentos

Na paroquial de Santa Isabel, realizou-se com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Maria Cristina Peile da Costa Maia, gentil filha da sr.ª D. Augusta Gustava Peile da Costa Maia e do antigo oficial do exército brilhante escultor sr. Delfim Maia, com o sr. D. João Luiz Seabra da Câmara (Ribeira Grande), filho da sr.ª D. Maria Inês Seabra da Câmara e do saudoso clínico sr. dr. D. Vicente Zarco da Câmara (Ribeira Grande).

Foram madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Mónica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, e padrinhos o pai da noiva e os tios do noivo srs. Conde da Ribeira Grande e João Jacinto Seabra.

Serviram de caudatárias as meninas Raquel e Maria Luiza de Carvalho Monteiro e Maria Virgínia Ripamonte Dantas Maia.

Presidiu ao acto o prior da freguezia, reverendo monsenhor Porfírio Cordeiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a quinta das Glicínias, em Evora, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia viam-se as seguintes pessoas:

Conde e Condessa da Tôrre e filha, Condessa de Tomar, Conde da Ribeira Grande, dr. Almeida e Vasconcelos, D. Mónica de Vilhena e Vasconcelos, João Jane Jacinto Seabra, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e filha, tenente coronel Alvaro dé Cesar Mendonça e filha, Jorge Colaço e D. Branca de Gonta Colaço, João Reboredo de Oliveira (Tojal), D. Maria Margarida Seabra de Oliveira e filha, António de Carvalho Monteiro, D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro e filha, Alfredo Fernandes Pereira, D. Irene de Gonta Ribeiro, major aviador, António de Sousa Maia, dr. Luiz Supico Pinto, D. Helena de Melo e Costa da Câmara e filha, Henrique de Castro Constâncio, D. Maria Figueira Freire da Câmara de Castro Constâncio e filhas, Eduardo Fernandes de Oliveira e D. Maria da Conceição Fernandes de Oliveira, D. António Cañero e D. Maria Cañero, D. João de Portugal e Castro e D. Maria Luiza Duff de Portugal e Castro, D. Cecília Sequeira Nunes, dr. José de Almeida e Vasconcelos e D. Elza de Almeida e Vasconcelos, D. Alice Bustorff Silva, José Cassiano Neves e D. Leonor de Mascarenhas Neves, D. Ana Esteves de Vasconcelos e filha, D. Bernardo José da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), Lourenço de Casal Ribeiro e filha, D. Maria de Mendonça, D. Isabel Augusta Peile da Costa Pereira, D. Clarisse Horta e Costa de Mendonça, António de Almeida e Vasconcelos e D. Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Inácia Vilardebó Chaves, D. Maria Ana da Costa Morais e sobrinha, dr. João Manuel Bastos, dr. Tomaz Ribeiro Colaço, D. Maria José Bessa de Sousa Maia e filhas, José Sepulveda Veloso, D. Mariana de Sousa da Câmara Portocarrero de Melo Velho Cabral, D. Maria Clotilde Ripamonte Dantas Maia e filha, Lopo da Câmara Portocarrero Melo Velho Cabral, José Peile da Costa Pereira, D. Alice da Conceição Pereira, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, Alberto da Câmara Portocarrero Melo Velho Cabral, dr. João Bastos, D. Maria Júlia da Horta e Costa Vasconcelos, D. Maria Emília Seabra Roquete, Jorge de Mendonça, D. Francisco de Albuquerque (Mangualde), D. Vicente de Noronha da Câmara (Ribeira Grande), D. António de Portugal e Castro, Fausto de Albuquerque, D. Palmira Alves Ferreira, D. Isabel Parreira, D. Ana de Figueiredo Guimarãis, D. Mercedes Ferreira de Mesquita, Luiz Peile da Costa Leiria Pinto, D. Palmira de Figueiredo, José da Câmara Portocarrero Melo Velho Cabral, D. Maria Filomena Correia de Sá (Asseca), D. Maria Margarida de Mascarenhas, Carlos Carneiro, D. Maria Júlia Vilardebó Granger, D. Maria Raquel de Potier Monteiro Ortega, D. Maria do Carmo de Carvalho Duff, João Sequeira Nunes, D. Maria da Conceição e D. Maria Emilia Seabra da Câmara (Ribeira Grande), D. Maria Luiza e D. Maria Tereza Freire Tôrres, D. Maria Helena Correia Pereira, João Roquete, António de Padua Peile da Costa Parreira (Tavira), etc.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e astísticas prendas.

— Na paroquial dos Santos Reis, ao Campo Vinto Oito de Maio, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria da Assunção Queiroz Salazar de Sousa, interessante filha da sr.ª D. Maria Tereza Queiroz Salazar de Sousa e do ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. J. Salazar de Sousa, com o sr. Oscar de Oliveira Machado, filho da sr.ª D. Tereza Tavares Machado e do falecido engenheiro sr. Tavares Machado.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo o sr. dr. Silvestre de Almeida e espôsa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles» recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

D. Nuno.

VESTIDO E IDEIAS

A mulher e a sua época

Contrastes entre a moda e os hábitos femininos

CADA época tem o seu tipo de mulher a que a moda se adapta. A moda inventa coisas, mas em geral adopta modas passadas à época presente. Não é pois para admirar que às vezes haja um certo choque entre as ideas e a vida da mulher que vive a sua época, e, os trajos que se vê obrigada a envergar pela ditadora inflexivel.

Esse contraste marca agora mais do que nunca. A mulher moderna, desportista, arrapazada, nos seus modos e nos seus habitos, fumadora, frequentando "bars", não desdenhando o "cocktail" como bebida preferida, habituada a usar da sua liberdade, vê-se à noite, usando vestidos que assentariam muito melhor no fragil e debil corpo duma romântica de 1830, do que no seu musculado corpo, que o "ski", a patinagem, o "tennis" a natação e todos os desportos têm tornado flexivel, mas de movimentos enérgicos e um tanto viris, que se não harmonizam muita vez com os vestido "à falbalas" em tule e gazes.

O cigarro e o "cocktail" contrastam atrozmente com certos vestidos, que implicam uma atitude de compostura, que há vinte anos desapareceu de todo nos modos femininos, ainda mesmo nos das mulheres mais correctas e distintas.

■

A mulher tinha antigamente na sua atitude um aspecto profundamente recatado, que lhe dava um grande encanto, que a tornava infinitamente sedutora aos olhos dos homens, que apreciavam o seu ar tímido, que lhes permitia êsse ar de proteção, que é a sua grande aspiração junto da mulher, e que a rapariga desembaraçada de hoje, habituada a arrostar todos os perigos, dispensa por completo.

Proteger é natural ao homem e a mulher de antes achava naturalíssimo ser protegida e dirigida, sentia a absoluta necessidade dum amparo, que encontrava solícito no seu companheiro de vida.

Hoje a mulher sente-se capaz de tudo, não sente necessidade de protecção e não suspira, por um braço forte que a ampare. O seu braço admiravelmente modelado pelo desporto, tem a força precisa para a defender. O seu passo elástico e decidido nada tem que ver com o andar vacilante das suas avós. O seu pé calçado em fortes sapatos de sola de borracha e tacão baixo, sustenta-a firme, o que não sucedia ao delicado pé de nossas avós calçado de duraque preto.

A mulher delicada, fina, duma sensibilidade doentia que por 1856 inspirava aos poetas, versos duma melancolia infinita, cujos olhos tristes e suaves, incendiavam os corações, com os delicados pescoços vergando ao peso das volumosas tranças e o seu ar submisso de uma gentileza infinita, em nada se parece com a mulher de hoje, senhora de snas acções e aspirando a uma liberdade completa, a direitos iguais aos do homem, a viver a sua vida.

Camarada do homem, ela não precisa de forma alguma da sua protecção; associada à sua vida não quer ser protegida, mas sim ter o direito de fazer tudo o que quere.

■

E a moda tenta impor à mulher de hoje, os românticos cabelos compridos, as longas tranças, os amplos vestidos com saias de metros e metros de fazenda e quem sabe até se a "tournure" que nessa época desfigurava a linha graciosa dos corpos femininos?

Esta aspiração da moda vai cair com certeza e não o lamentemos porque são coisas lindas para admirar nos antigos retratos, mas da maior incomodidade, no uso quotidiano.

A mulher pode transigir algumas horas com o vestido da noite envergar o mais complicado vestido, mas certos vestidos e penteados são incompativeis com a vida moderna. Depois de passar um dia inteiro a fazer "ski" no ar puro duma altitude respeitavel, envergando um trajo masculino, que a não deixa distinguir dos rapazes que a acompanham, a mulher que veste um vestido extremamente complicado, tem um ar pouco à vontade, que é engraçado de observar. Tanto à vontade ela estava horas antes vestindo as suas calças de gabardine, calçando as suas botas de sola pregueada, como constrangida está, com o complicado vestido e os tacões altos. É extraordinária talvez esta tendência da mulher moderna para o trajo masculino, mas constata-se que assim é, observando os grupos de desportistas, que enxameiam durante o inverno nas estações elegantes das altitudes, ao vê-las a bordo do seu "yacht" envergando as calças de flanela branca e jaquetão azul escuro, e, vendo nas ruas de Londres, nos dias de calor, raparigas de calça de mescla cinzenta e blusas de seda branca, que se confundem com as camisas masculinas.

■

E a contemplarmos os retratos das elegantes de outros tempos com os seus rígidos e rodados vestidos de seda forte de dia, ou com os seus vaporosos e rodados vestidos de noite, consteladas de brilhantes as lindas cabeças; com o seu ar tímido de mulheres delicadas e frageis, ou a arrogância, da altivez de quem sabe os preitos que à sua beleza são devidos, não os pode imaginar fazendo desporto, lado a lado, com os homens excedendo-os muitas vezes nas suas proezas, vestindo o mesmo trajo, e fumando os mesmos cigarros.

Não, a mulher da época romântica em nada se parece com a mulher de hoje. E se era para desejar então, que a mulher perdesse um pouco da sua timidez quási infantil, e da sua submissão quási de escrava, hoje é também para desejar, que a mulher perca alguns dos seus hábitos masculinos e ficando com o desembaraço e energia que a vida moderna exige, seja ainda mulher, não se esqueça de que o seu maior encanto é a sua gentileza, e que o "cocktail" e o cigarro a todo o momento, são mais próprios para os homens.

Nem a timidez excessiva de dantes, nem os excessos de hoje.

A mulher deve estar com a sua época, mas dentro dela, deve ser feminina, delicada, gentil e sobretudo mulher.

O homem de hoje gosta da sua camarada, mas não tem para ela os disvelos do homem de outrora, que tão cavalheiresco era para a mulher tímida a quem amparava o passo vacilante.

Será isso uma vantagem ou um inconveniente? As opiniões divergem. Ciosa da sua independência e das prerogativas que conquistou, mas a que ainda não está habituada, a mulher manifesta uma indiferença afectada por essas deferências masculinas que se lhe afiguram um reconhecimento humilhante da superioridade do homem.

Mas passada a presente idade heroica das reivindicações femininas, virá a natural reacção. A mulher habituar-se-á à ideia de que pode manter-se ao mais honroso pé de igualdade com o homem, sendo simultâneamente bem feminina. Tudo vai do conceito que se fizer da igualdade: e fazer intervir no cálculo o factor da fôrça física e da violência não é pensar com acêrto.

E' noutro sentido bem diverso que a mulher tem de procurar a conquista dos seus direitos. E nada a impede então de conservar a generosidade que têm feito o encanto do seu sexo em tôdas as épocas e sôb tôdas as latitudes.

Maria de Eça.

O animal despedaçado

(Solução)

O *bibelot*, que caíu da estante, representava, como se vê, apenas a cabeça, um tanto convencional, de um cão de caça.

Bridge

(Problema)

Espadas — 10, 8, 3.
Copas — A., D., 9, 4.
Ouros — V., 9.
Paus — A., 5.

Espadas — V., 5.	N	Espadas — D., 9.
Copas — R., 8, 6, 2.	O E	Copas — 10, 7, 5.
Ouros — 10.		Ouros — R., 7, 5.
Paus — D., 7, 6, 4.	S	Paus — 10, 9, 2.

Espadas — R., 7.
Copas — V., 3.
Ouros — A., 8, 2.
Paus — R., V., 8, 3.

Sem trunfo. Joga *S* e dá apenas uma vasa.

Ela: — Que empenho tem você em querer adivinhar a minha idade?
Ele: — Queria, apenas, saber qual a idade em que uma mulher é mais fascinadora.

(*«Il Travaso»*) (Roma).

(Solução do número anterior)

S joga 4 de copas e *N* faz o Valete e joga o 3 de espadas.

S faz Dama de espadas e joga 8 de copas que *N* corta com o 5 de espadas.

N joga Az de espadas e *S* balda-se a 7 de paus.

N joga Rei de espadas e *S* balda-se a 8 de paus.

N joga 3 de paus. Se *E* entra com Rei de paus, *S* balda-se á Dama de copas, *E* faz o 10 de copas e *N* o 6 de paus e 10 de paus.

Se *E* não entra do Rei de paus *S* balda-se ao 2 de ouros, *O* faz a Dama de paus e Az de ouros e *S* o Valete de ouros e Dama de copas.

Xadrez

(Solução)

1	2	3
C — 5 C D	B — 2 R	C — +
R × C	R — 5 T	M
— — — —	P — 4 C	B — 2 R +
P — 5 T	P × P (na passagem)	M
	— — — —	B — 2 R +
	R × C	M

As pontas de linha

(Problema)

Apanhámos, junto dum cesto de costura, um certo número de pontas de linha, que mandámos fotografar e aqui estão reproduzidas.

Queiram agora os nossos leitores, e principalmente as nossas leitoras, descobrir quantos são os pedaços de linha e qual deles é o mais comprido.

Simplicidade de rainha

É raro existir uma rainha com hábitos mais simples do que a rainha Helena de Itália.

Tem sido uma mãi de família admirável, consagrando a sua vida à educação de seu filho e suas quatro filhas. A sua caridade para com os pobres é proverbial. Vai muitas vezes dum lado para o outro, em automóvel, sem aparato algum.

Em agosto de 1935, passou uns dias em França, na Costa Azul, junto da fronteira italiana, onde foi visitar sua irmã, a grã-duqueza, viuva de Nicolau da Rússia que se encontrava doente.

Muito democràticamente, a rainha fazia o trajecto entre a sua residência, em Nice, e a casa de sua irmã, de autobus. Uma única cousa a tornava notada: era a generosidade das suas gorgetas!

SAGRES

Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
—— A GARANTIA NA VELHICE ——

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

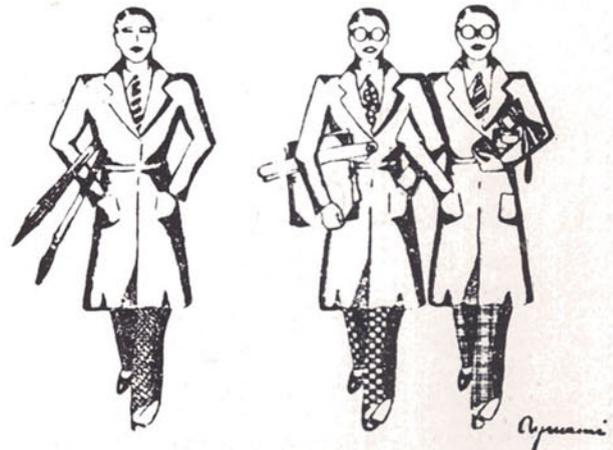
FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

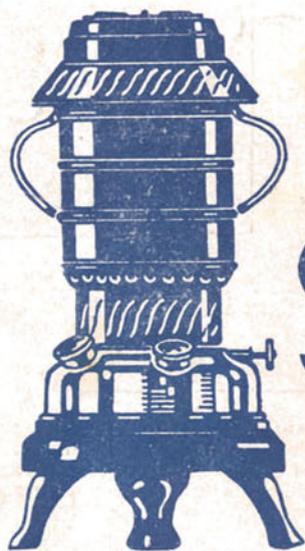
Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Elegantes
Os VACUUM 99 não voam — mas são tão elegantes quanto o podem ser Caloríferos a Petróleo de preço módico.
Gastam pouco — Grande rendimento térmico — Servem para cozinhar — Há-os de várias côres.
Calorifero
VACUUM
99
Só são "Caloriferos Vacuum 99" aqueles que teem gravada a marca VACUUM
E.
USAR
PETROLEO
SUNFLOWER